



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Alicia Ribeiro Aguiar

O MOVIMENTO ANTIVACINA E O “CASAMENTO” COM A EXTREMA DIREITA

Rio de Janeiro

2022

Alícia Ribeiro Aguiar

O MOVIMENTO ANTIVACINA E O “CASAMENTO” COM A EXTREMA DIREITA

Monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Biotecnologia.

Orientador: Marcus Vinícius Monteiro Pedroza Machado.

Coorientador: Robson Leite de Souza Cruz

Rio de Janeiro

2022

Alícia Ribeiro Aguiar

O MOVIMENTO ANTIVACINA E O “CASAMENTO” COM A EXTREMA DIREITA

Projeto de Monografia apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Biotecnologia.

Aprovado em __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Marcus Vinicius Monteiro Pedroza Machado
EPSJV/FIOCRUZ

Marcello de Moura Coutinho
EPSJV/FIOCRUZ

Renata Rufino Amaro
EPSJV/FIOCRUZ

Rio de Janeiro

2022

*Dedico esse trabalho a todos
aqueles que infelizmente perderam
suas vidas pela negligência e falta
de acesso à imunizantes.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus orientadores Pedroza e Robson, que me apoiaram intensamente e transformaram minha ideia neste trabalho, além de todas nossas construções e compartilhamento de ideias. Serei eternamente grata por confiarem em mim e acreditarem em minha ideia.

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, que nos últimos quatro anos de minha vida foi mais meu lar do que minha casa e por ter me dado espaço para lutar por tudo que acredito, deixando uma marca eterna em minha educação.

Agradeço à minha amiga Maria Victoria, que tem sido meu suporte e me ajudado intensamente nesta caminhada, onde compartilhamos sorrisos e choros. Agradeço por estar comigo desde o início e torcendo a cada parágrafo escrito. Nestes últimos 4 anos passou tardes, noites e manhãs comigo e foi incansável em seu apoio e afeto, agradeço por ter se feito tão presente em minha vida.

Agradeço à minha avó Dalva, por ter acreditado em mim desde o início, por ter me feito acreditar em mim e por mesmo sem muitas vezes entender o que eu estava fazendo sentir orgulho incondicional.

Agradeço à minha mãe Cíntia, por ter estado ao meu lado em toda a caminhada, agradeço por todo apoio e amor incondicional que me fez crescer e querer lutar por tudo que acredito. Agradeço por todas as palavras de ensinamento e acalento.

Agradeço à minha família, por terem sempre estado ao meu lado e por nunca me permitirem desistir. Em especial ao meu tio Rodrigo, por se fazer tão presente em toda minha caminhada acadêmica. E a meu namorado Enzo, que esteve ao meu lado incansavelmente e me deu colo nos momentos de grande aflição.

Agradeço aos meus amigos Maria Eduarda e Felipe, por sonharem junto comigo e por acreditarem tanto em mim desde sempre. Obrigada por compartilharem vitórias e derrotas, além de todo afeto depositado em mim.

Agradeço aos meus amigos de turma que se tornaram parte de minha família nestes últimos 4 anos, meus queridos Cecília, Alison e Lucas com quem compartilhei tantos momentos de felicidade e desespero. Obrigada por estarem nesta luta comigo.

Agradeço ao meu pai Alexandre e ao padrasto Marcus, por sempre acreditarem em mim e me incentivarem. E mesmo com todas as divergências sempre me acolheram e cuidaram de mim.

*“Os homens
não encontram a
verdade, a constroem,
como constroem sua
história”
(Paul Veyne)*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo avaliar como o movimento antivacina se articula com a extrema direita, buscando entender a apropriação de movimento histórico que trouxe um novo viés político e extremista para o movimento antivacina. Com os avanços tecnológicos, observamos um aumento na veiculação de notícias falsas, estas permeiam o movimento antivacina desde sua criação, porém com o novo viés do movimento tornam-se cada dia mais perigosas e desestruturam e negam pesquisas e vacinas. A produção deste trabalho busca contextualizar os perigos que está “união” pode causar à Saúde Pública e aos Programas de vacinação. Plataformas como Scielo e Pubmed foram fonte para a revisão bibliográfica deste trabalho.

Palavras-chave: Movimento Antivacina; Pós-verdade; Extrema Direita; *Fake News*; Vacina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1: MOVIMENTO ANTIVACINA	16
CAPÍTULO 2: EXTREMA DIREITA	30
CAPÍTULO 3: O MOVIMENTO ANTIVACINA E A EXTREMA DIREITA	36
CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

O ato de se vacinar ou não percorre como uma questão bastante polêmica. Além de uma descrença à ciência, pode ser considerado um ato político. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) define as vacinas como “substâncias preparadas que são dadas na infância e em outras idades para proteger contra doenças graves e muitas vezes fatais. Ao estimular as defesas naturais, do corpo, as vacinas preparam o organismo para combater a doença de maneira mais rápida e eficaz”

Desde sua criação os imunizantes sofreram descredibilização e mistificação, algumas de cunho político, religioso, desinformação ou até mesmo medo dos efeitos colaterais.

O movimento antivacina tem suas raízes no século XVIII, quando o mundo era duramente atordoado e adoecido por epidemias de varíola. Com o desenvolvimento da vacina por Edward Jenner, ocorreu uma revolução na história mundial das doenças imunopreviníveis e abalou construções do corpo médico da época, desestruturando o processo de variolação¹.

Entre os líderes proeminentes dos “antivaxxers” estavam os médicos Benjamin Moseley e William Rowley. Sua oposição não era apenas ideológica. Para esses médicos, a proliferação da vacinação em massa significou uma perda de receita com a inoculação que praticavam em pacientes ricos” (ERMAN, 2022).

Benjamin Moseley e William Rowley assumiram papel de protagonismo na luta contra a vacinação, defendendo principalmente seus interesses econômicos e suas posições ideológicas contra os imunizantes. Estes médicos não eram de maneira propriamente dita líderes “antivaxxers”, mas sim grandes entusiastas do movimento antivacina em sua época.

Nesta época a prática de caluniar e difamar a vacinação para descredibilizá-la e apavorar a população já era usada frequentemente, estas ações muitos séculos depois foram comparadas e equiparadas às “fake news”².

Moseley até mencionou o mito Paséfase, a rainha cretense que havia sido amaldiçoada por Poseidon e acasalada com um touro, dando à luz a Minotauro – um monstro metade homem metade touro – Moseley citou esse argumento pois a linfa usada para a

¹ A variolação era a prática da inoculação de uma varíola benigna para proteger o indivíduo, esta prática era muito comum na época (século 18).

² Podemos definir fake news como notícias falsas e/ou falsificadas, em uma tradução literal. As notícias falsas são datadas de muito antes do surgimento da imprensa sensacionalista, da globalização e do acesso a internet. Estas notícias estão impregnadas na sociedade há séculos. Possuem um papel de enganar, mentir, desestabilizar relações sociais, desarticular governos e vendem ideias que não possuem fundamentação ou embasamento científico.

produção da vacina era de varíola bovina, sua ideia era aterrorizar as pessoas, dizendo que se tornariam touros” (ERMAN, 2022).

A prática de culpar e mistificar a vacina já é antiga – “os oponentes de Jenner culpavam a vacinação por tudo, desde queda de cabelo e miopia ao crescente pessimismo e declínio da arte e da literatura” (ERMAN, 2022). “A vacinação contra a varíola teve um grande impacto na história mundial” (ERMAN,2022). A “herança” desta ação foi a expansão da técnica da vacinação que foi usada para outras diversas doenças que assolavam/assolam a humanidade.

A produção de ciência e tecnologia tem grande força para mostrar o poder de um país, esta questão levou as nações a lutarem pela vacinação em grande escala, não apenas em seus territórios, mas em outros ao redor do globo, para demonstrarem sua influência, processo que ocorreu na corrida imperialista e foi repetido na Guerra Fria.

Com o passar do tempo as vacinas foram ganhando espaço e confiança, um trabalho árduo de informação e conscientização da população, apesar de ainda terem grandes correntes negacionistas. “Para pelo menos parte da população, os cientistas que pesquisaram e desenvolveram as vacinas tornaram-se heróis” (ERMAN,2022).

Alguns séculos após seu surgimento o movimento antivax ganhou grande força e visibilidade com o estudo de Andrew Wakefield. Andrew Wakefield foi um grande propulsor deste movimento antivacina e em 1998 declarou que a vacina Tríplice viral, que protege contra sarampo, caxumba e rubéola estaria relacionada ao aumento de casos de autismo em crianças. Este estudo atualmente já é visto como desacreditado, porém causou danos irreparáveis para algumas crianças, pois muitos pais se recusaram a vacinar seus filhos.

O jornalista britânico Brian Deer, em uma reportagem investigativa para o jornal The Sunday Times e o periódico científico British Medical Journal, descobriu que Wakefield tinha um conflito de interesses durante sua pesquisa. A escola onde Wakefield trabalhava recebeu contribuições de um advogado empregado pela organização antivacinação JABS e estava interessada em minar a credibilidade da vacina (ERMAN,2022).

Uma demonstração do conflito de interesses políticos e financeiros de Wakefield foi a descoberta de que ele havia fundado uma empresa em nome de sua esposa e visava desenvolver suas próprias vacinas, kits de diagnóstico e outros produtos médicos, um exemplo das grandes controvérsias e interesses que rodeiam o movimento antivacina. A negativa que ele constrói acerca da vacina tríplice viral, é usada a seu favor e em prol de seus lucros, passando a vender seus produtos também, usa o desespero e o caos a seu favor.

No século XXI podemos observar a expressiva aliança entre o movimento antivacina e a extrema direita. Este fenômeno é responsável por grandes novas estruturas nos argumentos do

movimento antivax e representa grande influência da ciência alternativa e da era da pós-verdade em nosso contexto social atual.

A extrema direita tem suas raízes ainda na Idade Média. “As raízes do pensamento de extrema direita estão fincadas na Idade Média e no catolicismo. Ao contrário do que parece, as fontes da extrema direita são antigas” (ROMANO,2019).

Por ser um movimento antigo, o mesmo já passou/passa por adaptações, remodelações, novos discursos e tolera novas questões pontualmente diferentes ao redor do globo. A intercessão entre os grupos de extrema direita, é o sentimento de nação, superioridade e a crescente demanda de “consertar” o mundo.

A extrema direita está representada por movimentos independentes e partidos políticos com posicionamentos radicais, geralmente relacionados ao nacionalismo. A exaltação da nacionalidade e de seus aspectos culturais e históricos leva – em muitos casos – à percepção de superioridade em relação a outras culturas e até mesmo comportamentos de preconceito e xenofobia (CARVALHO,2018).

Jonas Santana (2018), descreve a conexão entre os diferentes grupos da extrema direita:

A conexão principal deste movimento pelo mundo é quanto ao desalento de uma parcela da população (classe média) com as perspectivas de crescimento econômico e de emprego, são populações que foram deixadas para trás, marginalizadas com inovações tecnológicas e produtivas e que enxergam ligada à corrupção, ao Estado (que já existe e penetra na vida social, mas que se permite corromper e tem a ver com o sistema político partidário que eventualmente apresenta ineficiência e elementos de corrupção (SANTANA, 2018).

A extrema direita pode se apresentar de muitas maneiras e até assumir bandeiras diferentes no mundo, dependendo do seu local de atuação, mas a perpetuação de um sentimento e uma conexão entre os diversos grupos é sempre evidente. Como cita Jonas Santana (2018) no Brasil a extrema direita se impõe contra os direitos LGBTQIA+ e a legalização do aborto, mas na Europa se apresenta com outros discursos, permitindo que uma mulher lésbica seja a representante partidária por exemplo. O ressentimento pela perda de poder, o sentimento de “consertar” o mundo e salvar o Estado corrompido são bastante marcantes e presentes nas projeções da extrema direita.

A extrema direita apresenta diversas controvérsias em suas próprias diretrizes e bandeiras, ainda assim consegue se alinhar para que suas ideias sejam compradas e espalhadas. O uso de ferramentas como as “fake news”, manipulação e do fenômeno da pós-verdade, é importante para sua articulação e expansão. Além destas ferramentas faz uso da ciência alternativa, fenômeno visto quando se alia ao movimento antivacina.

A definição de Engber (2017) para ciência alternativa é “um movimento solto de supostos buscadores da verdade que promovem publicamente alegações científicas em uma encruzilhada entre evidências parciais, pseudociência e teorias da conspiração.” A ciência alternativa oferece um grande risco para a saúde pública – “A demonização da ciência pelos populistas têm efeitos profundos nas políticas de saúde. Parmet (2010) mostrou, por exemplo, que o comportamento populista prejudicou a eficácia da campanha de vacinação contra H1N1 nos Estados Unidos, pois alimentou teorias da conspiração e exacerbou a desconfiança dos profissionais da saúde”.

Ao citar ciência alternativa devemos ter o cuidado e diferenciá-la das PICS. Definidas pela Secretária de Atenção Primária em Saúde as PICS são as práticas integrativas complementares em saúde, estas são recursos terapêuticos que visam a prevenção de doenças e o tratamento das mesmas. Possuem o intuito de criar um vínculo terapêutico e buscam integrar o humano com o meio ambiente e a sociedade. As PICS são reconhecidas pelo SUS e se fundamentam em práticas naturais, holísticas e medicinas tradicionais como a oriental. São regulamentadas e possuem estudos com evidências científicas que comprovem o uso destas práticas em conjunto a medicina convencional. O quesito regulamentador e as evidências científicas acerca das PICS, é o que as diferencia da ciência alternativa já que esta não possui fundamentos ou embasamento em estudos científicos, se baseia na busca solta por uma verdade paralela e teorias da conspiração, indo contra a ciência e medicina convencional e até mesmo as PICS.

O termo populismo médico foi definido por Lasco & Curato (2018) como: “Um estilo político baseado em performances de crises de saúde pública que colocam “o povo” contra “o sistema” usando alegações de conhecimento alternativo para colocar em dúvida a credibilidade de médicos, cientistas e tecnocratas”.

O populismo médico é uma demonstração do uso da ciência alternativa que utiliza como principal meio de propagação às *fake news*. A construção deste fenômeno é baseada em alegações infundadas, insinuações e verdades manipuladas, visa colocar o povo no centro, dando a ele a ideia de pertencer a algum movimento, o que é mais um exemplo de articulação da extrema direita.

O uso das “fake news” e da pós-verdade são uma marca tanto da extrema direita como do movimento antivacina. Estes usos marcam não só a união dos movimentos, mas sim suas

semelhanças em ferramentas de articulação. A respeito das “fake news” Bruno Leal (2020) expõe:

Mas as notícias não são uma novidade. É possível encontrá-las muito facilmente no passado, em suas múltiplas denominações e formatos. Muito antes do surgimento da imprensa moderna e de Donald Trump, elas já estavam regulando e deformando as relações sociais, derrubando governos e destruindo reputações. São usadas para diversos fins: políticos, econômicos, sociais, pessoais e coletivos. As notícias falsas, como a mentira de uma maneira geral, são constitutivas da experiência humana ao longo do tempo. (LEAL, 2020)

Com o avanço da internet e globalização notamos um bombardeio de “*fake news*”, porém a história delas é descrita muito antes da criação da internet. Chegamos em uma fase em que tudo que lemos e é noticiado como verdade, deve ser averiguado, procurando referências, visitando plataformas especializadas em identificação de fake news. Tentamos resistir a este movimento que entranha em nossos dias e afeta até nossas eleições.

De acordo com Guillermo Altares (2018) “os dividendos políticos das notícias falsas são elevados, e já era assim bem antes da internet, mas elas sempre necessitaram de um bom caldo de cultivo. As mentiras que se espalham e convencem as massas não surgiram com as redes sociais.” As notícias falsas são poderosas e permitem ao propagador uma chance de distorcer a realidade a seu favor.

Quando Guillermo Altares cita que as *fakes news* deixam dividendos políticos desde a antiguidade, há uma reflexão sobre como uma notícia pode mudar os rumos de uma construção política e desmanchar ou ser um pilar de um governo.

O século XXI pode ser marcado como a era da pós-verdade. Álex Grijelmo (2017) definiu como “a era da pós-verdade é na realidade a era do engano e da mentira, mas a novidade associada a esse neologismo consiste na popularização das crenças falsas e na facilidade para fazer com que os boatos prosperem”.

A era da pós-verdade combina inverdade com o poder de insinuação e incitação, a falta de informação, o medo de acreditar em tudo, a capacidade de acreditar em tudo e a descrença do povo em personalidades tanto políticas, jornalísticas ou científicas. Essa mistura de pontos permite um campo perfeito para o cultivo da desinformação e comoção geral por não saber no que acreditar, abrindo espaço para a extrema direita e o movimento antivacina se instaurarem facilmente.

Além da Era da Pós-Verdade, vivemos o fenômeno da infodemia, a definição de infodemia está ligada a uma quantidade excessiva de informações que caracterizam e “informam” a respeito de um tema específico, como citado pela Organização Pan-Americana da Saúde está enxurrada de informações pode crescer de maneira exponencial e rápida devido a certo acontecimento, exemplo de acontecimento é o nosso contexto atual, uma pandemia. Neste contexto infodêmico temos a acumulação de desinformação e a criação de rumores. “Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra rapidamente, como um vírus” (OPAS, 2020).

O sensacionalismo, a chuva de notícias (muitas vezes sem fundamentos) na internet e o monopólio da mídia são fatores primordiais para o cultivo das “*fake news*”.

“Com tudo isso, se chegou à paradoxal situação de que as pessoas já não acreditam em nada e ao mesmo tempo são capazes de acreditarem em qualquer coisa”.

A crise da desinformação e da informação demais, nos levou a esta situação paradoxal onde uma notícia ou verdade pode ser alterada para proteger os interesses de alguém e uma verdade pode ser descredibilizada pelo medo crescente das pessoas de acreditar. Este medo é refúgio para a criação de verdades alternativas, paralelas que agradam mais aos envolvidos, criam espaços onde a mentira se torna realidade e é propagada na velocidade da luz, nos levando a dois extremos em segundos.

A escolha deste tema: O movimento antivacina e o “casamento”³ com a extrema direita, foi feita de maneira espontânea. Um movimento que já era tema de pesquisas e debates no contexto social e atual vivido.

Atualmente o seu novo viés (“casamento” com a extrema direita) o fez ganhar ainda mais força e visibilidade, fazendo ganhar mais espaço em nossas construções sociais e a necessidade de ser debatido. Atrelado a estes fatos surge a pandemia de covid-19, com todas as suas nuances e particularidades, entre elas a necessidade eminente de vacinação da população mundial como única forma de controle imediato da pandemia e a resistência de alguns em não se vacinar, sem falar na imensa quantidade de fakes news.

³ Em uma reportagem para o The Intercept, João Filho cunhou o termo casamento para designar a união entre o movimento antivacina e a extrema direita. Neste uso João Filho construía uma metáfora com a palavra casamento, esta metáfora referencia o imaginário patriarcal e conservador que a extrema direita carrega em algumas de suas bandeiras. Não sendo apenas uma união e sim um casamento onde ambas as partes se permeiam.

A compreensão e análise das mudanças que permeiam o movimento antivacina até sua chegada no século 21, se fazem necessárias para debater e contrapor a desinformação acerca da vacinação e principalmente agir no combate a esta desinformação e acúmulos de fake news. Este combate é importante em meio ao período de sensacionalismo e ascensão da pós-verdade, que o século 21 apresenta ser. Como afirma Marc Bloch (1921) “um erro só se propaga e se amplifica, só ganha vida com uma condição: encontrar um caldo de cultivo favorável na sociedade onde se expande. Nele, de forma inconsciente, os homens expressam seus preconceitos, seus ódios, seus temores, todas as suas emoções.”

Marc Bloch, com esta afirmação traz um ponto fundamental que pode ser observado ao longo da história, a expansão das fake news. Estas dependem da desinformação e descrença da sociedade, ao mesmo que tempo se torna descrente das notícias, uma sociedade pode acreditar em tudo.

Em um período pandêmico como o que estamos vivendo, há uma grande oportunidade para a plantação de sementes do movimento antivacina por todo o globo terrestre, além da desinformação sobre os imunizantes, há o bombardeamento com fake news que se ambientam em diversos temas, como a questão do aquecimento global. Estas sementes nascem do desespero da população com o medo de acreditar em tudo que se vê na mídia e recorrendo a fóruns e fontes sem fundamento, muitas vezes.

O convívio com pessoas que permitem que as fakes news invadam suas decisões e se tornem verdades absolutas, não apenas sobre a vacinação, mas de um modo geral, pontua ainda mais a necessidade e preocupação de debater este tema.

CAPÍTULO 1: O MOVIMENTO ANTIVACINA

O movimento antivacina se fundamenta e nasce em um período em que o mundo era constantemente atordoado por epidemias de varíola, tendo suas raízes no séc. XVIII. Como descreve George Erman (2022) a história do movimento antivacina, de fato é anterior ao desenvolvimento dos primeiros imunizantes e está associada a epidemias de varíola.

A recém-criada vacina chega para revolucionar a saúde pública, não apenas da época, mas dos séculos seguintes também. Sendo uma das maneiras mais importantes de enfrentamento a pandemia de COVID-19 por exemplo. Como descrito no Portal de Bio-manguinhos/FIOCRUZ (2013): “é importante ressaltar que a vacina é a forma mais fácil de se proteger de uma doença, e melhor do que se submeter a um tratamento para se curar.” Além de ser a melhor maneira de evitar a contaminação entre pessoas e reduzir a circulação de patógenos.

A vacina trouxe esperança para a humanidade, trazendo uma nova solução e prevenção para doenças sérias como varíola, sarampo e COVID-19. Enquanto a vacina nasce da inovação, o movimento antivacina nasce do mais genuíno medo do desconhecido e da oposição de ideais políticos, religiosos, morais e econômicos. Miler-da-Silva et al. (2021) pontuam que:

Apesar de comprovada eficiência quando se trata de reduzir o número de doentes e mortos, bem como erradicar doenças infecto-contagiosas, não é raro que períodos sombrios, atrelados aos movimentos contra o sanitarismo, coloquem em dúvida a eficácia do processo de vacinação no Brasil e em qualquer parte do mundo. Tal fato pode ser atestado pelos movimentos negacionistas e antivacinação, observados em meio à pandemia de COVID-19, que vêm colocando à prova os esforços realizados por inúmeras instituições, cientistas e outros profissionais de saúde (MILER-DA-SILVA et al., 2021)

A vacina criada por Edward Jenner, abalou o corpo médico da época, sendo uma nova alternativa para o combate a varíola que dizimava uma grande parte da população ou deixava graves sequelas, colocando a variolação em local menos vantajoso, significando uma grande perda de receita para os médicos que a praticavam. A prática da variolação era uma técnica onde inoculava-se varíola benigna visando proteger o indivíduo. Esta prática era comum para a população mais abastada da época, sendo assim uma mina bem lucrativa para os médicos.

Benjamin Moseley e William Rowley, dois médicos da época, ficaram famosos por sua grande oposição a vacina, que para além de questões econômicas, colocava a prova os ideais médicos da época. Moseley ficou bastante conhecido por caluniar e ligar o imunizante ao mito da Paséfase. Neste mito a rainha cretense que havia sido amaldiçoada por Poseidon e acasalada com um touro, deu à luz a Minotauro, um monstro que tinha metade de seu corpo humano e metade

touro. A vacina tinha como base para sua produção linfa bovina, fato que Moseley usou para ligar o imunizante ao mito, com isto ele afirmava que as pessoas se transformariam em touros ou então poderiam ter pelos nascendo pelo corpo assim como no animal. Com base nesta história até circularam boatos de crianças que se comportavam como animais.

No âmbito religioso a vacina também trouxe questões, grandes líderes religiosos afirmavam que a varíola era uma punição de Deus e não deveria nem poderia ser tratada. Afirmavam e se “preocupavam” se bebês considerados inocentes, após a vacinação não seriam mais aceitos no Reino dos Céus. Alguns líderes religiosos na África Ocidental e Índia difundiam para analfabetos que a vacina havia sido trazida por estrangeiros e que o ato de a tomar poderia irritar os deuses que em resposta poderiam então puni-los com varíola. George Erman (2022) descreve um episódio das ocorrências e espalhamento *de fake News* na África Ocidental,

No início do séc. XX, o médico local Oguntola Sapara (1861-1935) invadiu uma das sociedades secretas e soube que elas propagavam a doença por meio de partículas de pústula infectadas retiradas de pacientes. Tendo recebido essa informação, a administração colonial britânica proibiu o culto a Sopana em 1097. No entanto, 60 anos depois, os médicos tiveram que superar a resistência de seus apoiadores para realizar uma vacinação bem-sucedida na Nigéria (ERMAN,2022)

A prática de caluniar e mistificar os imunizantes é comum e os acompanha desde sua criação. Como afirma George Erman (2022) os imunizantes foram culpados por tudo de ruim que fosse possível ocorrer, desde miopia ao crescente pessimismo e declínio da arte no séc. XVIII. Muitos mitos, meias verdades e verdades distorcidas foram contadas e manipuladas para apavorar a população sobre as vacinas. As práticas de calúnia e difamação dos imunizantes são equiparadas atualmente com as práticas de “fake News”, que são em tradução literal notícias falsas. As falácias e mentiras inundam e distorcem a verdade como cita Pablo Linde (2015), em sua matéria “Quem são os antivacina”:

Os antivacinas inundam a internet com falácias e mitos que exageram os efeitos colaterais, manipulam os dados para minimizar a efetividade da imunização, espalham medo em nome “do natural” contra o “químico”, esboçam teorias conspiratórias dos laboratórios farmacêuticos e dos governos e aproveitam os erros e as negligências que existiram na história dos tratamentos como exemplos de que estão certos. Todos esses argumentos são refutados em detalhes no Livro de González (LINDE,2015)

As notícias falsas têm grande impacto e poder nas sociedades, elas são grandes pilares e ferramentas de projeção do movimento antivax. A respeito delas Bruno Leal (2020) cita:

Mas as notícias não são uma novidade. É possível encontrá-las muito facilmente no passado, em suas múltiplas denominações e formatos. Muito antes do surgimento da

imprensa moderna e de Donald Trump, elas já estavam regulando e deformando as relações sociais, derrubando governos e destruindo reputações. São usadas para diversos fins: políticos, econômicos, sociais, pessoais e coletivos. As notícias falsas, como a mentira de uma maneira geral, são constitutivas da experiência humana ao longo do tempo. (LEAL, 2020)

Além disso as “fake News” têm sido ferramentas que interferem diretamente na vacinação e na erradicação de doenças. George Erman (2022) cita que: “O crescimento da ideologia antivacina, alimentado pelas fake News nas redes sociais, fez com que diversas doenças que já eram consideradas erradicadas voltassem a aparecer na população brasileira.” Este movimento não ocorre apenas na população brasileira, mas é visto também ao redor do globo. Como reflexo dele temos visto cada vez mais frequentemente reaparecimento de casos de doenças consideradas erradicadas ou controladas, como sarampo e a varíola que tem ganhado mais foco pois tem tido casos de uma nova variante, conhecida como varíola dos macacos ou monkeypox⁴.

As mentiras e *fake News*, são importantes maneiras de alterar contextos e resultados em prol de um “querer”, com o uso cada vez mais exacerbado de *fake News* e com o crescente sensacionalismo que abre foco para essas notícias falsas, chegamos na Era da Pós-verdade, que definida por Aléx Grijelmo (2017) como a era do engano e da mentira, com o acréscimo da popularização de crenças falsas e na facilidade que se tem para que um boato prospere.

É importante marcar a diferença entre mentira e *fake News*. A mentira definida pelo Dicio (2018) como a ação ou o efeito de mentir; engano, ludíbrio ou a afirmação não condizente com a verdade nem com a realidade. Enquanto a *fake News* como definido anteriormente neste trabalho pode ser traduzida literalmente como notícia falsa e/ou falsificada, possuindo um papel de enganar, mentir, desestabilizar relações sociais, desarticular governos e vender ideias que não possuem fundamentação ou embasamento científico.

Segundo a Academia Brasileira de Letras o conceito de “pós-verdade” está ligado a informação ou asserção que distorce deliberadamente a verdade, ou algo real, sendo caracterizada pelo grande e forte apelo à emoção. Tendo sua base em crenças difundidas, em detrimento de fatos apurados, tem tendência a ser aceita como verdadeira, tem poder de influenciar a opinião pública e comportamentos sociais.

A “pós-verdade” foi eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford, no ano de 2016. O Dicionário traz a definição da palavra reverberando o seu poder, exemplifica a influência de fatos

⁴ O nome monkeypox se origina da descoberta inicial do vírus em macacos em um laboratório dinamarquês em 1958. O primeiro caso humano foi identificado em uma criança na República Democrática do Congo em 1970.

irreais ou falsos no lugar de fatos objetivos e verdadeiros, os fatos irreais ganham espaço e força tonando-se importantes na construção da opinião pública, que leva mais em conta o apelo à emoção e à crença pessoal do que fatos verdadeiros.

Neste contexto de pós-verdade onde o apelo emocional ganha cada vez mais força e poder, se torna mais fácil prosperar um boato colocando os imunizantes como vilões que podem “ferir” os entes queridos da população. Com isto é possível ver um grande número de opositores a vacina que promovem os danos que o imunizante pode acarretar e promovem de forma exacerbada os efeitos colaterais das vacinas, trazendo o princípio de que seria mais saudável por exemplo ter a doença do que tomar o imunizante. George Erman (2022) pontua sobre a articulação dos movimentos antivacina se impulsionarem com base nos possíveis efeitos colaterais que uma vacina pode causar.

Os movimentos antivacinação continuam a se concentrar nos chamados efeitos colaterais das vacinas. Eles se baseiam em pesquisas de médicos que desafiam a visão tradicional de que a imunização protege os pacientes (ERMAN,2022).

Em 1998 o movimento antivacina foi muito fomentado pela publicação do estudo de Andrew Wakefield na revista médica The Lancet. Segundo George Erman (2022) a publicação de Wakefield teve importante papel no fomento do movimento antivacina.

O movimento antivax foi muito inspirado pela publicação de um estudo agora desacreditado pelo médico britânico Andrew Wakefield, que em 1998 ligou a vacina Tríplice Viral (MMR)- para proteção contra sarampo, caxumba e rubéola- ao crescimento do autismo em crianças (ERMAN,2022)

O professor e consultor em gastroenterologia, Andrew Wakefield, no ano de 1995, publicou um artigo na conceituada revista médica The Lancet, neste artigo trabalhou a hipótese de a vacina contra o sarampo causar doença de Crohn, que é uma inflamação dos intestinos. Este estudo foi descreditado após pesquisadores criticarem sua metodologia e comprovarem que nem a vacina e nem o sarampo estariam ligados a doença de Crohn.

Já em 1998, Wakefield publicou seu estudo que ligava a Tríplice Viral ao autismo, novamente publicou no The Lancet e teve colaboração de mais 11 pesquisadores. Michael Gershon, conhecido como pai da neuro gastroenterologia, questionou as descobertas de Wakefield, chegando a denominar sua pesquisa de “lixo”. Para corroborar com o desmascaramento de Wakefield, o jornalista britânico Brian Deer, começou uma investigação, que posteriormente foi publicada no jornal The Sunday Times e no periódico científico British Medical Journal. O jornalista descobriu que havia um conflito de interesses na pesquisa de Andrew, descobrindo que a escola onde

Wakefield trabalhava havia recebido contribuições de um advogado que trabalhava para JABS, uma organização antivacina que visava o seu interesse em minar a credibilidade do imunizante.

Além deste conflito de interesses o jornalista também descobriu sobre os desejos de Wakefield, que fundou uma empresa no nome de sua esposa onde visava produzir e desenvolver suas próprias vacinas, kits de diagnóstico e outros produtos para a área da saúde. Wakefield é exemplo dos conflitos de interesse e controvérsias que permeiam o movimento antivax.

O Centro Europeu para Prevenção e Controle de Doenças (ECDC) descreveu o caso de Wakefield “Sua promessa de interromper a distribuição da vacina MMR recebeu muita atenção da mídia. Em 2004, foi descoberto que o cientista tinha interesses financeiros em fazer essa afirmação. Um advogado que pretendia processar os fabricantes de vacinas o contratou e recrutou as crianças para o estudo. Além disso, os dados foram falsificados: ao contrário do início dos sintomas relatados após a vacinação, algumas das crianças já apresentavam sintomas antes de serem vacinadas (ERMAN,2022).

O movimento antivacina se caracteriza por ser um movimento antigo e abrangente, tendo espaço e zona fértil para diversas bandeiras e grupos. Um grande componente deste movimento é o grupo de pessoas que acreditam que os riscos da vacina são maiores que os da própria doença, acreditam que o corpo pode se curar sozinho, além de muitos repudiarem totalmente a compulsoriedade de algumas vacinas.

Xavier Uriarte um médico e figura emblemática do movimento antivax na Espanha defende que “Antes quaisquer doenças, tanto eruptivas [...] como não eruptivas [...] - difteria, coqueluche, pólio, gripe e hepatite- a atitude mais adequada é deixar transcorrer o processo natural da doença” (Uriarte, 2007). Este é um exemplo de pensamento naturalista que contrapõe a vacinação.

Em 1853, foi decretado pela primeira vez a obrigatoriedade na vacinação, a Lei de Vacinação aprovada na Grã-bretanha, previa vacinação obrigatória em crianças durante os primeiros três meses de vida e os pais que não cumprissem seriam presos ou multados. Esta lei foi a primeira a obrigar a vacinação, tornando a compulsória e uma maneira de prevenir e conter doenças. Como exemplificou George Erman (2022) “essa lei significou que o Estado estendeu seus poderes ao setor de saúde pública. O direito dos pais de escolher vacinar seus filhos era limitado para garantir a saúde da sociedade como um todo.”

Em resposta a esta legislação a oposição se instaurou quase instantaneamente. Em 1854 John Gibbs publicou o primeiro trabalho contra a vacinação obrigatória- “Our Medical Freedoms.”

Em 1867 uma nova lei foi introduzida, nela a vacinação passou a ser obrigatória para todas as crianças menores de 14 anos. Em resposta a essa lei, novos grupos antivacinação foram ganhando mais espaço e força nas cidades britânicas, eles exigiam o fim da obrigatoriedade da

vacina e propunham medidas sanitárias, como uma quarentena dos pacientes e das pessoas que tiveram contato com eles.

No que tange o direito dos pais sobre seus filhos foi proposto que, se os pais não podem fazer o que acham que é certo para seus filhos, então as liberdades civis estão chegando ao fim. A compulsoriedade da vacina fomentou ainda mais o movimento antivacina.

Em 1866, Richard Gibbs (1822-1871), um homeopata irlandês e primo de John Gibbs, fundou a primeira Liga Antivacinação em um distrito de Londres, com o objetivo de derrubar a “tirania médica”. Em 1870, reunia mais de 1000 filiais, 10 mil membros e 200 mil simpatizantes (ERMAN,2022)

Um personagem emblemático do movimento antivax foi Edward Irons, que em 1884 foi intimado por negligenciar o cumprimento da obrigatoriedade de uma vacina em seu filho. Ele afirmou ser indicação de seu médico e ter total consciência em se opor à Lei de Vacinação. A cidade de Leicester se tornou um dos epicentros do movimento antivax da Inglaterra, em 1885 um protesto reuniu 80 mil pessoas que lutavam contra a vacinação e em ato simbólico queimaram um boneco que representava Edward Jenner, criador da vacina.

(...) a Sociedade de Londres para a Abolição da Vacinação obrigatória foi fundada e, em 1896, tornou-se Liga Nacional Anti-vacinação. A entidade reunia intelectuais londrinos, que defendiam a “cura natural” e a homeopatia, e a classe trabalhadora das cidades industriais, que acreditava que a vacinação era outro elemento de opressão do Estado e da classe dominante (ERMAN,2022)

Como citado anteriormente, os movimentos e manifestações antivacina podem assumir papéis de lutas sociais, como em Londres onde a classe operária via na vacina obrigatória mais um instrumento opressor do Estado, entendiam estar tendo seus direitos invadidos.

Já em 1898 a Lei de Vacinação aboliu formalmente o caráter obrigatório da vacina, mesmo com essa abolição outra medida que visava promover a vacinação em massa surgiu, esta medida consistia em que apenas os pais que tivessem um certificado conquistado na justiça pudessem optar por não vacinar seus filhos. Houve uma “sabotagem” dos juízes à esta lei, garantindo então apenas 40 mil recém nascidos possuintes deste certificado, em 1906. Além disto a lei também instituía medidas para prevenção da sífilis e da hepatite, garantindo que a linfa usada na produção de vacinas fosse bovina. Nos Estados Unidos no ano de 1885 a luta entre antivaxers e vacinadores teve seu apogeu quando:

O estado de Massachussets abriu um precedente ao introduzir a vacinação obrigatória de crianças em idade escolar. Em 1879, após a visita do líder antivax britânico William Tebb, foi formada a Liga Americana Anti-vacinação (ERMAN,2022).

Em 1905 após uma ação movida pelo pastor Henning Jacobson, que estava contra o estado de Massachussets, onde aceitava pagar uma multa após se recusar a vacinar crianças, o que resultou em um veredito da Suprema Corte dos Estados Unidos. Este veredito garantiu

Que qualquer Estado poderia introduzir a vacinação obrigatória se a legislatura estadual decidisse que seria a melhor maneira de prevenir a propagação da varíola e proteger a saúde pública. As crianças poderiam ser isentas da vacinação obrigatória se ela não violasse os direitos de proteção dos adultos (ERMAN,2022)

A lei Imperial de Vacinação foi instaurada no ano de 1874 na Alemanha, visando combater o rápido avanço da varíola.

Nesta época, o chamado Movimento Reforma da Vida virou moda. Seus adeptos acreditavam em meios naturais para fortalecer o corpo, como tomar sol ou dietas especiais. As primeiras organizações antivacinas haviam sido fundadas em 1869 em Leipzig e Stuttgart – cinco anos antes da lei imperial. A Associação Imperial para o Combate à Vacinação Obrigatória reuniu em pouco tempo 300 mil integrantes (WITTING, 2021).

Para esta população a imunização era vista como “coisa do diabo”, considerado algo químico, artificial que seria injetado no corpo. Além disso havia teorias da conspiração e contos antisemitas que espalhavam a ideia de que as vacinas faziam parte de uma conspiração judaica global que visava deturpar o corpo do povo alemão.

A baixa prontidão de alemães em se vacinar, está relacionada à um caráter histórico. Vilker Witting (2021) citou que “a prontidão para se vacinar é maior nos estados do Leste do que do Oeste, mostrou uma pesquisa do Instituto Robert Koch (RKI).”

Enquanto do lado do regime comunista, a República democrática alemã (RDA), a vacinação era obrigatória e quem não cumprisse a regra recusando-se a tomar os imunizantes contra difteria, tuberculose e varíola, poderia levar uma multa que chegava até a 500 marcos orientais. Do lado da Alemanha Ocidental, a obrigatoriedade não foi instaurada e sim abolida, passando então a ter foco em campanhas educacionais e na vacinação de caráter voluntário.

Na corrida pela "saúde pública", a Alemanha Oriental estava na liderança e fez propostas generosas à inimiga. Segundo Thiessen, em 1961, a RDA ofereceu 3 milhões de doses da vacina contra a pólio à Alemanha Ocidental devido ao suposto fim da epidemia em seu território (WITTING, 2021).

A imunização na Espanha também é uma questão bastante debatida e complexa. Como cita Pablo Linde (2015):

Na Espanha, antes da publicação do pseudoestudo de Wakefield já existia a Liga para a Liberdade da Vacinação. Trata-se de um movimento naturalista que, antes da liberdade, difunde a antiimunização. É liderado pelo médico Xavier Uriarte, que em 2003 publicou Los Peligros de las vacunas (Ática Salud). Ele e seu colega Juan Manuel Marin Olmos, autor de Vacciones sistemáticas en cuestión (Editorial Içaria,2004), são certamente dois dos integrantes visíveis mais importantes do movimento antivacinas no país, embora eles próprios não gostem de ser rotulados como tais (LINDE,2015).

Na Espanha a vacinação não possui caráter obrigatório, assim como na maior parte do globo terrestre. A vacinação na Espanha pode ser rejeitada, podendo ter como causas dessa rejeição motivos da consciência, medo, advetos da ignorância ou crenças. Muitas famílias e responsáveis espanhóis optam por seguir a medicina naturalista, como foi o caso do menor de Olot, que apresentou quadro grave. Seus pais apresentam objeção a vacinação, optando por seguir a medicina alternativa.

A explicação dada pelo médico Carlos González, no artigo de Pablo Linde (2015), a respeito desses casos é que à medida que a doença desaparece com o sucesso das imunizações e vai sendo esquecida, ocorre um câmbio entre o medo da doença que passa a ser medo dos efeitos colaterais das vacinas. Um fator que corrobora para tal fenômeno é que gerações mais atuais que não viveram os grandes surtos epidemiológicos nem sequer viram os efeitos e consequências que doenças como a paralisia infantil podem gerar. No artigo de Pablo Linde (2015) a fala de Carlos González afirma: “esses temores são alimentados por falsas crenças dos pais. Geralmente, os que decidem não vacinar os filhos estão muito informados: leram livros e visitaram dezenas de páginas da internet, mas estão muito mal-informados”.

Outro nome emblemático do movimento antivax na Espanha é Miguel Jara, conhecido por trabalhar em uma associação de advogados que tem especialização em litigar por danos provenientes de medicamentos. Conforme o artigo de Pablo Linde (2015), onde a fala de Miguel é citada:

Não sou antivacina, sou crítico e acho digno escutar qualquer opinião racional. Não sou médico e os menciono no meu livro: parece que [vacinas] mais antigas e consolidadas são mais necessárias, e há outras que foram introduzidas mais recentemente que são menos- e podem apresentar problemas. Mas não sou contra nem a favor das imunizações, defendendo a escolha das pessoas. (LINDE,2015)

Em 2016, no Paraguai foi fundada a comunidade ‘Paraíso Verde’, fruto da ideia do casal austríaco Erwin e Sylvia Annau, o casal buscava fugir de “tendências socialistas”, da “disseminação global de implementações degenerativas como 5G” e da “chemtrails”, conhecida por ser uma teoria conspiratória que garante a existência de um programa secreto do governo que visa liberar e disseminar produtos químicos tóxicos no meio ambiente, com auxílio de aviões.

Como cita a Agence France-Presse (AFP) (2022): “eles falam alemão, desconfiam das vacinas e, em busca de seu desenvolvimento “mental e espiritual”, se refugiam no Paraguai, onde vivem em uma comunidade fechada e longe das “regulamentações” europeias, objetivo quem nem todos alcançam”.

Muitos residentes de ‘Paraíso Verde’ se opõem as imunizações, principalmente os novos imunizantes como as vacinas contra COVID-19. O residente Hebert Wichmann que afirma que não foram vacinados pois as vacinas anticovid diferentemente das antigas, alteram o DNA. A esposa de Hebert, Gerhild o apoia, complementando que “esta nova vacinação não é normal. Acho que é um experimento humano com proteínas”. (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2022)

A colônia tem diversas restrições em relação a mídia e jornalistas, as visitas geralmente são gravadas e guiadas por um motorista responsável da própria comunidade. A AFP (2022) cita que “há uma certa desconfiança em relação à mídia em ‘Paraíso Verde’, após algumas reportagens que os qualificaram como “conspiratórias”. Erwin Annau, seu fundador, recusou vários pedidos de entrevista da AFP.

O médico Uwe Cramer é responsável pelo centro médico de ‘Paraíso Verde’ e se intitula naturalista, usando terapias como homeopatia e ozonoterapia. O médico afirma ter saído da Europa pois “não querem alternativas, só faculdade de medicina. Não há lugar para nós”, além disto Cramer também aponta que o “coronavírus não é novo”, mas que foi utilizado “para nos trancar, nos punir e nos impor o uso de máscaras” (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2022).

O administrador Juan Buker destaca que “muitos dos que vêm para cá não querem ser vacinados contra covid, mas não são antivacinas. A filosofia principal do ‘Paraíso Verde’ é que nós estamos a caminho de uma nova era, uma era de muita liberdade sem libertinagem” (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2022).

Os primeiros registros sobre vacinação no Brasil são datados de 1820, quando o primeiro mapa anual de vacinação é feito, Chalhoub (1996) cita que 2688 indivíduos foram vacinados, dos quais 1830 eram escravizados. Em 1830, o declínio da vacinação começou a preocupar especialistas, que observavam a população temerosa com a imunização, este horror a vacina ficou conhecido como “vacinophobia”. Larocca & Carraro (2000) citam que “esse temor pode ser explicado pela técnica da imunização utilizada na época, conhecida como vacinação braço a braço. Após 8 dias, os vacinados deveriam retornar ao local, para que o fluído presente nas pústulas fosse extraído e utilizado em outros indivíduos”.

Este processo incômodo repelia as pessoas, além de ser altamente invasivo era um processo lento. Além disto muitas polêmicas giravam em torno dos imunizantes, Larocca e Carraro (2000) descrevem que:

Ademais polêmicas oriundas de Portugal, relacionadas à possibilidade do desenvolvimento de doenças das vacas, assim como a incitação do Clero em afirmar que

a vacina era “um presente de Satã”, repercutiram em todo o território brasileiro, afetando diretamente o alastramento da vacinação (Larocca & Carraro, 2000).

Em meados do séc. XX a cidade do Rio de Janeiro, Brasil, passava por problemas com a falta de saneamento básico e péssimas condições de higiene, fatos que corroboravam para a proliferação de doenças como varíola e febre amarela. Tornando a cidade em foco constante de epidemias, o que era alarmante e fez com que as autoridades tomassem providências.

Uma dessas medidas foi a contratação de Oswaldo Cruz como diretor geral de saúde pública. O prefeito Pereira Passos deu início ao projeto da “bota abaixo”, neste projeto o prefeito derrubou o morro do Castelo Branco e pôs abaixo diversas moradias e cortiços, expulsando a população de mais renda do centro urbano.

A medida adotada por Pereira Passos causou grande insatisfação popular e as medidas totalmente revolucionária de Oswaldo Cruz fomentaram a situação permitindo que a Revolta da Vacina acontecesse.

Em 1904, a cidade foi assolada por uma epidemia de varíola. Oswaldo Cruz mandou ao congresso uma lei que reiterava a obrigatoriedade da vacinação, já instituída em 1837, mas que nunca tinha sido cumprida. Ciente da resistência da opinião pública, montou uma campanha em moldes militares. Dividiu a cidade em distritos, criou uma polícia sanitária com poder para desinfetar casas, caçar ratos e matar mosquitos (PORTO, 2003)

A vacinação obrigatória estava instaurada e com ela os oficiais das brigadas sanitárias entravam nas casas e vacinavam as pessoas a força, a maneira como o povo era tratado e a falta de informação e conscientização do porquê aquelas medidas estavam sendo tomadas gerou o solo fértil para a Revolta da Vacina. A constante indignação levou o povo a um motim popular, que explodiu em 11 de novembro de 1904.

A Revolta da Vacina foi um marco não apenas do movimento antivacina, mas da luta social. A exclusão social criada por Pereira Passos para modernizar a antiga capital do Brasil, criou um mal-estar geral associado a falta de informação e políticas de conscientização da importância em se imunizar.

O movimento antivacina não era visto como alarmante no Brasil até o ano de 2011 quando ocorreram 26 casos de sarampo na localidade de Vila Madalena, em São Paulo. Nesta região há uma concentração de pessoas de classe alta e conhecidas por seguirem práticas mais alternativas.

Com o advento da pandemia de COVID-19, o movimento antivacina passou a preocupar diversos especialistas não apenas no Brasil, mas no mundo todo. O Brasil que antes era referência em promoção e cobertura vacinal, passou a lidar com questões bem intrínsecas ligadas ao

movimento antivax. Com a ascensão da extrema direita ao poder no país, os questionamentos e negacionismo começaram a borbulhar no país.

Os questionamentos cada vez maiores e a enxurrada de notícias sensacionalistas e deturpadas foram cenário perfeito para o cultivo da desconfiança em relação aos imunizantes como descreve Miler-da-Silva et al., (2021):

Nenhum evento recente gerou tanta desconfiança atrelada à divulgação científica quanto a pandemia de COVID-19. Porém, em tempo recorde as pesquisas resultaram na 26ª vacina e distribuição de vacinas, assim como outros insumos necessários ao combate do cenário pandêmico atual (MILER-DA-SILVA et. Al., 20221)

A obrigatoriedade vacinal é motivação para diversos protestos e debates do movimento anti-vacina. Muitas pessoas sentem-se invadidas com a compulsoriedade de algumas vacinas, sentem-se perdendo sua autonomia. Neste sentido pode se citar que

Assim, o termo autonomia confere a ideia de autogoverno, autodeterminação para tomar decisões acerca da vida, da saúde, da integridade física e psíquica (MORAES,2010). Ou seja, refere-se à capacidade do indivíduo de decidir sobre o seu próprio corpo e determinar o que deseja e o que não deseja que seja realizado acerca deste (CARDIN & NERY, 2019).

Apesar deste sentimento de perda de autonomia, tem se de maneira geral que as questões individuais em relação a saúde pública são colocadas abaixo de questões coletivas. Neste sentido é posto que

A proteção coletiva, como interesse social, está ligada ao utilitarismo, pois tende a ser mais importante do que a própria imunidade individual, ou seja, quanto mais indivíduos forem vacinados, maior será a imunidade coletiva e, conseqüentemente, a proteção coletiva. (LESSA,2015) Desta forma, a proteção coletiva está intimamente ligada à vacinação individual, pois, quanto maior a cobertura vacinal, maior é a proteção coletiva para aquela determinada doença imunoprevenível (CARDIN & NERY, 2019).

O debate entre o direito constitucional à autonomia relacionado a um possível atentado à proteção coletiva, é definido então que

Tendo em vista o bem comum, o interesse coletivo passa a ter prioridade sobre o interesse individual, sendo, portanto, legítima à restrição das liberdades individuais em atendimento ao princípio da proteção do corpo social (LESSA; SCHRAMM, 2015, p.116).

Muitos defensores do movimento antivax e até mesmo pessoas receosas com a vacinação defendem que a imunidade coletiva os protegerá, afirmando então que podem aproveitar-se da imunidade coletiva, não sendo necessário então que eles se vacinem. A doutora Jennifer Raff (2014) afirma que:

Esse é um dos argumentos mais depreciáveis que já ouvi. Para começar, as vacinas nem sempre são 100% efetivas. Por isso, é possível que um menino vacinado seja contagiado se for exposto à doença. Pior: há algumas pessoas que não podem ser vacinadas porque

são imunodeprimidas ou porque são alérgicas a algum componente. Essas pessoas dependem da imunidade coletiva para sua proteção. Os que decidem não vacinar seus filhos contra doenças infecciosas arriscam não apenas a saúde deles, mas também a de outros meninos (RAFF,2014).

Diante este debate sobre autonomia e vacinação, fica ainda mais aparente o conceito de hesitação vacinal. Acerca deste debate Macdonald et al. (2015), pontua os aspectos que compõem esta questão:

Hesitação vacinal corresponde ao atraso na aceitação ou recusa em vacinar por parte do cidadão apesar da disponibilidade da vacina. Hesitação vacinal é definida por Macdonald (2015) como “o atraso na aceitação ou recusa das vacinas, apesar da disponibilidade de serviços de vacinação, sendo este um fenômeno complexo e específico dentro de seu contexto, que varia ao longo do tempo, do local e das vacinas, influenciado pela complacência, conveniência e confiança (MACDONALD et al.,2015).

Macdonald et al., (2015) assinala também que:

O termo hesitação vacinal deve ser entendido entre o limiar daqueles que aceitam e aqueles que recusam todas as vacinas, assim, a hesitação vacinal situa-se entre os dois extremos. Desta forma, a hesitação vacinal compreende as condutas de aceitar apenas algumas vacinas e recusar outras; atrasar as vacinas e ter dúvidas sobre vacinar ou não (MACDONALD et al.,2015).

Com a constante queda da cobertura vacinal, o conceito de hesitação vacinal foi cunhado, este pode ser influenciado por falta de informação, percepção de que os riscos de se ter uma doença são considerados baixos, a confiança na vacina, disponibilidade física, financeira e geográfica, além da inconsistência de trabalhos e informações publicadas na área. Como descrito por Moraes; Almeida (2008) outro aspecto importante que:

Pode influenciar na hesitação vacinal é que as pessoas de estratos econômicos mais elevados, que possuem acesso a informações não científicas e passam a ser influenciados por estas, acabam selecionando quais vacinas querem tomar e, algumas vezes até abdicam de tomar todas as vacinas. Por outro lado, as classes econômicas mais pobres, em alguns casos, deixam de se vacinar devido a dificuldade de acesso aos serviços de saúde (MORAES; ALMEIDA, 2008).

A questão antivacina é também viés de questões sociais. Como cita J.M.Mulet em seu livro Medicina sem enganos (Destino,2015), em alguns bairros da Califórnia a taxa de vacinação é similar à do Sudão do Sul. O debate entre a vacinação pode ser visto também como uma questão entre classes pois quando comparada a taxa de vacinação entre classes mais altas e classes mais baixas, temos um índice de vacinação mais baixo para as classes mais altas, e como citou Carlos González pais que possuem mais acesso à informação, como sites e blogs, não estão tão bem informados como pensam. Em um estudo encomendado pelo Ministério da Saúde no ano de 2012,

apresentou-se que 76% dos ricos não vacinaram seus filhos, enquanto entre os pobres a taxa de vacinação foi de 81%. Ainda nesta problemática Pablo Linde (2015) reflete sobre as questões vacinais como um debate de países desenvolvidos, como afirma:

O debate sobre efetuar a vacinação ou não é claramente um debate de países desenvolvidos. Os países em desenvolvimento não podem se dar a esse luxo; a questão não é se as imunizações devem ser aplicadas ou não, mas como fazê-las abrangendo o maior número de pessoas para evitar mortes. Muitos colaboradores inclusive perderam suas vidas na tentativa, porque o fundamentalismo islâmico na Nigéria e no Paquistão tem promovido uma cruzada terrorista contra agentes de saúde que tentam erradicar a pólio nesses países, o que seria mais um marco na história: eliminar outra doença da face da Terra. Graças novamente, às vacinas (LINDE,2015).

A pandemia de COVID-19 que assolou o mundo, deixou ainda mais evidente o movimento antivacina, agora um movimento cada vez mais próximo a extrema direita e cada vez mais aceito no Brasil. A pandemia trouxe foco para um problema que não era anteriormente alarmante no Brasil: a queda nos números de vacinação. O Programa Nacional de Imunização (PNI) aplicado no Brasil é reconhecido mundialmente, por garantir a imunização de toda a população brasileira, incluindo populações remotas, como no caso de indígenas e ribeirinhos do Amazonas e sua eficácia na erradicação de doenças, como a erradicação da Poliomielite no ano de 1994, quando o Brasil recebeu o certificado de livre de pólio concedido pela OMS.

Conforme Cátia Guimarães (2021), a queda nas taxas vacinais no Brasil começou a preocupar especialistas em 2017, três anos antes da COVID-19 ser pautada como calamidade pública. Cátia Guimarães cita a fala do presidente do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde, Carlos Lula: “Essa diminuição da cobertura vacinal ano após ano acontece de forma homogênea no país. Se acontecesse em um ou outro estado, a gente poderia apontar que é responsabilidade dos gestores. Mas não é. Ela vem acontecendo de maneira forte e sempre para baixo”.

Para além do alerta em 2017, no ano de 2015 a vacinação contra pólio já deixava alertas, em 2015 o Brasil já não cumpria a meta de 95% de vacinação no público-alvo contra a pólio. Esta meta é o limiar necessário para que uma população seja considerada protegida contra a doença, como afirmou o pesquisador Fernando Verani da Escola Nacional de Saúde Pública. Esta queda na cobertura vacinal está associada a diversos fatores que para além das fake News e das inverdades propagadas acerca dos imunizantes afetam o bem-estar social. No artigo de Cátia Guimarães (2021) a fala de Carla Domingues reflete sobre esta questão:

Os pais dessas gerações que foram beneficiadas pelas vacinas conheciam a vacina, sabiam da gravidade. Todo mundo conhecia o filho de um parente que tinha um caso de sarampo, que teve cegueira, que teve problemas neurológicos, que teve complicações. Então essas

doenças geravam uma preocupação muito grande para os pais. À medida que essa geração hoje não conhece um caso de pólio, não conhece um caso de sarampo, ela começa a achar que não há necessidade mais de vacinação, começa a avaliar que a vacina traz mais risco do que benefício, o que não tem a menor evidência científica. A vacina protege! (GUIMARÃES,2021).

O grande sucesso e eficácia na vacinação, no trabalho do PNI foi também motivo no declínio das vacinações. Como visto na citação anterior, as pessoas pararam de ter contato com as doenças, devido as imunizações, parando de se preocuparem em combater as mesmas.

A pandemia de COVID-19 foi caldo e momento perfeito para a amplificação do movimento antivacina, não apenas no Brasil, mas no mundo todo. A enxurrada de informações, o medo, o pânico de estar preso e de ter que se adequar a uma nova realidade e um grande número de mortes por covid, foram fatores primordiais no enraizamento do movimento antivacina no século XXI. Cátia Guimarães (2021), pontua a fala de Carlos Lula, onde é refletido os novos sentidos e problemáticas da vacinação em período pandêmico.

Em toda minha vida eu fui vacinado e nunca perguntei a origem da vacina, se era espanhola, alemã, chinesa ou da Nicarágua. A gente sempre considerou que vacina era uma dádiva, um direito meu, que o Estado não iria colocar no meu corpo algo que não considerava seguro e eficaz. De repente, a gente começa todo um movimento para desestabilizar o processo de vacinação, para colocar em xeque a origem da vacina, para colocar em dúvida se de fato a vacina serve para A, B ou C (GUIMARÃES,2021).

A pandemia reavivou questões do passado, como o medo dos imunizantes, a descrença na ciência e descredibilização falaciosa de governos, figuras públicas e grandes canais de mídia que tem papel fundamental na construção da crença coletiva.

A enxurrada de notícias e bombardeamentos de informação nas redes é tão corrente e crescente que é considerada um fenômeno paralelo a pandemia, esta enxurrada recebe o nome de “infodemia”. A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) (2020) define infodemia como a enxurrada de informações que cresce de maneira abrupta, exponencial e veloz baseada num acontecimento, como a pandemia de COVID-19. Este contexto infodêmico é primordial e perfeito para a criação de rumores e a perpetuação de inverdades. Ainda segundo a OPAS esse fenômeno de alastramento de informações pode ser amplificado pelas redes sociais e grande mídias, agindo de maneira rápida como um vírus. A velocidade e facilidade como notícias verdadeiras ou não são espalhadas nas redes sociais, influenciam diretamente na crescente de pessoas descrentes as vacinas. As vacinas anteriormente vistas como salvadoras e saída para enormes colapsos mundiais, agora são vistas como vilãs e última escolha frente as doenças.

CAPÍTULO 2: EXTREMA DIREITA

A extrema direita que está em total ascensão no contexto atual, mesmo parecendo algo tão novo tem suas raízes na Idade Média. Como afirma Roberto Romano (2019): “As raízes do pensamento de extrema direita estão fincadas na Idade Média e no catolicismo. Ao contrário do que parece, as fontes da extrema direita são antigas”.

O movimento que ganhou foco com o ex-presidente dos EUA, Donald Trump e se alastra cada vez mais pelo mundo com a ascensão de políticos como Jair Bolsonaro, presidente do Brasil. A extrema direita que definida pelo dicionário de política de BOBBIO como:

Existe um tipo de extremismo convencionalmente chamado de direita, em ação direta de classes e categorias sujeitas a uma repentina perda de status e de condição e a uma drástica redução de sua influência política. É o extremismo daqueles que “em outros tempos, foram possuidores” e cujo comportamento político está voltado para a defesa a todo custo e/ou para a reconquista das suas tradicionais prerrogativas político-sociais. O comportamento extremista destes grupos se concretiza historicamente no surgir de movimentos e partidos portadores de uma práxis eversiva e violenta, que rejeitam os vínculos formais da transformação do conflito em controvérsia, próprios da tradição parlamentar. (BOBBIO et al, 1983, p. 590).

Considerada como um movimento antigo, a extrema direita passou por diversas remodelações e novas definições de bandeiras ao longo tempo, porém não perdeu seu sentimento de ressentimento, sua busca por consertar o mundo, a necessidade de impor suas bandeiras, mantendo bem firmes suas raízes. Talita de Carvalho (2018) cita sobre as características que compõem e unem a extrema direita.

A extrema direita está representada por movimentos independentes e partidos políticos com posicionamentos radicais, geralmente relacionados ao nacionalismo. A exaltação da nacionalidade e seus aspectos culturais e históricos leva- em muitos casos- à percepção de superioridade em relação a outras culturas e até mesmo comportamentos de preconceito e xenofobia (CARVALHO,2018).

A conexão entre os diferentes grupos de extrema direita é um fator importante para manter a rigidez e competência do movimento que após passar por diversas remodelações ainda mantém vivas suas raízes.

A atual extrema direita pode ser apresentada de diversas maneiras, dependendo de seu local de atuação pode até assumir bandeiras diferentes. Jonas Santana (2018) defende que no Brasil a extrema direita se impõe não apenas contra, mas também preconceituosa com os direitos LGBTQIA+, além de ser contra o aborto, enquanto na Europa se articula de outras maneiras tendo uma mulher lésbica⁵ como líder partidária por exemplo. Mesmo com tamanha distinção entre os

⁵Segundo o jornal Exame, Alice Weidel, é uma controversa líder do partido Alternativo para a Alemanha AfD- o

grupos o ressentimento pela perda de poder, o sentimento maçante e constante de “consertar” o mundo e de salvar o Estado corrompido pela corrupção se mantém vivos. Jonas Santana (2018) cita que

A conexão principal deste movimento pelo mundo é quanto ao desalento de uma parcela da população (classe média) com as perspectivas de crescimento econômico e de emprego, são populações que foram deixadas para trás, marginalizadas com inovações e tecnologias produtivas e que enxergam no mundo a culpa de seu fracasso, e entendem que aquele país ou nação deve rechaçar o mundo, se fechar um pouco mais. Se fechar para si mesmo para fazer valer seus atributos, seus recursos e suas riquezas, propiciar pleno emprego para toda sua população. Evitando que as conexões com o mundo dominem esse país e nesse raciocínio e eliminem o emprego e a riqueza, tem mais ligação com isso do que a conexão entre aquele determinado país/nação com o mundo, do que com os valores individuais (SANTANA,2018).

Esta luta da extrema direita em se reconhecer e buscar se fechar, dando foco cada vez maior ao nacionalismo é descrita por Talita de Carvalho (2018):

Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos- onde esses movimentos estão mais evidentes- percebe-se que são motivados pela sensação de insatisfação de parte da população com a situação econômica, que muitas vezes é relacionada à globalização e conseqüentemente abertura do país. Assim, há o fortalecimento de ideais nacionalistas e de fechamento do país em relação a outras nações (CARVALHO,2018).

Em relação a política da extrema direita temos o conceito de populismo de direita. Como descrito por Henry A. Giroux (2020) este populismo trata com ódio e desdém tanto os indivíduos privados de necessidades básicas para sua subsistência como as populações imigrantes deslocadas de sua terra natal por conflitos e expropriações das forças globais do capitalismo.

O discurso do populismo de direita oferece uma sensação de pseudodemocracia, Henry A. Giroux (2020) cita que as decisões informadas por evidências, a agência crítica e a ação coletiva desaparecem diante do simbólico mito de um líder totalitário e poderoso.

O discurso destes líderes fundamenta-se na ignorância das massas que são tratadas por eles como um rebanho- caso especial no Brasil onde os seguidores do presidente Jair Bolsonaro são conhecidos como gado. Os seguidores do presidente Jair Bolsonaro são conhecidos como “gados”, não por autodenominação, mas por seus comportamentos, que são comparados aos de um rebanho de gado- não conseguindo esboçar posicionamentos próprios, seguindo apenas seu líder sem pôr em prática o pensamento reflexivo. Para Henry A. Giroux (2020) o populismo de direita:

Ataca o pensamento crítico, mina os atos de coragem cívica, desmantela a ação coletiva genuína dos movimentos sociais, suprime as formas democráticas de oposição e esmaga os oponentes políticos com perseguições e ameaças. Seu caráter demagógico pode ser

partido considerado conservador, preza pelos bons costumes, pela família tradicional composta por um homem e uma mulher, além de ser contra a entrada de imigrantes no país. Alice representa grande controvérsia a seu partido, por ser uma mulher lésbica casada com uma estrangeira e mãe adotiva de duas crianças.

observado no uso que faz de uma linguagem simplista, que não considera a complexidade da realidade social, evita o diálogo honesto, mente sobre os fatos, distorce a história e desconsidera as multifacetadas lutas e o árduo trabalho de negociação e partilha de poder necessários nos modos de governo democráticos. A linguagem simplificada do populismo e sua noção de anti-intelectualismo são fortalecidas por uma cultura de medo, insegurança e incerteza. Essa retórica acentua um sentimento de frustração, raiva e impotência política que aprisiona os indivíduos em seus próprios sentimentos, tornando-os cada vez mais incapazes de traduzir questões particulares em problemas sociais mais amplos (GIROUX,2020).

Ainda sobre o populismo de direita temos a figura muito bem descrita e projetada dos militantes deste fenômeno. Citado por Brown (2019):

Mas também um populismo ancorado no ressentimento do homem branco, conservador, judaico-cristão, ufanista, de extrema direita; um populismo elitista anti-igualitário, nostálgico de uma moralidade perdida, vingativo contra seus inimigos declarados, desinibido em sua vontade de poder. (BROWN,2019).

A extrema direita se articula de diversas maneiras, uma destas formas de projeção é a enxurrada de fake news que lotam redes sociais. Fugindo da grande mídia os eleitores de extrema direita buscam a verdade em sites e publicações que distorcem a verdade, baseiam-se em inverdades e contrapõe tudo aquilo provado em veículos profissionais que geralmente buscam levar a verdade a seus leitores, numa busca por uma resposta que satisfaça seus interesses. Mesmo quando se trata de veículos profissionais de notícia devemos estar atentos também, muitos usam de sua influência e conhecimento para disseminar correntes sensacionalistas.

A reflexão de Guillermo Altares acerca das fake news é muito pertinente ao tema, Guillermo cita os grandes dividendos políticos que as fakes news deixam e podem deixar na política. Os avanços tecnológicos e expansão da globalização são fatores de grande importância para a expansão cada vez mais forte das fake news em nosso dia a dia. Mas estas estão datadas de muito antes do 5G, Guillermo Altares cita que “os dividendos políticos das notícias falsas são elevados, e já era assim bem antes da internet, mas elas sempre necessitaram de um bom caldo de cultivo. As mentiras que se espalham e convencem as massas não surgiram com as redes sociais.”

As fake news que se constroem e se alastram pela internet, muitas vezes tem jargões e manchetes sensacionalistas, uma maneira de obter foco e chamar atenção para as inverdades que serão descritas. Massarani et al. (2020) citam que:

Tais conteúdos não raramente apelam a manchetes, textos e imagens sensacionalistas, que retêm a atenção e se espalham rapidamente pela rede. Assim, a sobrecarga e a repetição de mensagens podem levar pessoas a se “familiarizarem” com as informações falsas, dificultando a sua percepção e julgamento sobre a veracidade (MASSARANI et. al., 2020).

No que configura a maneira como as fake News são construídas e articuladas, temos o apoio nas teorias conspiratórias e produção de inverdades distorcendo fatos e pontuando apenas aquilo

que lhes interessa. Massarani et al. (2020) define com base na análise de diversas reportagens e links que “a escolha de palavras e das estratégias de enunciação não é aleatória, mas responde ao contexto social em que o texto foi produzidos e às intenções ideológicas que atravessam este cenário”.

Como citado por Massarani et al. (2020) a construção de fake News é pensada para que a ideia seja comprada, tendo como maneiras de atração pelo discurso a escolha de palavras, pontos e público central e até mesmo receptores são pré-definidos.

Quando citada a extrema direita aparece como um movimento de conservadores, tendo um estereótipo muito bem montado e frisado- aqueles homens e mulheres de “bem” que buscam defender a família tradicional, mostrando seus bons valores a todos aqueles que ousam associar essa imagem de família tradicional a tantas outras formas de família- esses cidadãos de “bem” característicos da extrema direita se dizem pró-vida e lutadores pelo bem da nação. Mas entram num papel de contrassenso quando mesmo sendo considerados pró-vida por serem contra o aborto, são contra as vacinas- consideradas meios seguros e eficazes de se precaver de doenças, além de serem um meio de proteção coletiva. A ideia de contrassenso na extrema direita é pontual e bem característica, pois o discurso que eles vendem se mostra bem vulnerável nesta questão da vacina.

Como ser a favor do bem da nação acima de tudo e ser contra o meio que a protege e garante saúde para a mesma? Este contrassenso é fundamentado no horror, no medo e no desejo de ter sua liberdade acima de tudo, como citado no capítulo anterior para muitas pessoas a obrigatoriedade vacinal é vista como um aparato de poder e imposição do Estado- que para a extrema direita tem visão e representação complicada, pois este Estado permitiu-se corromper não sendo mais visto como aliado.

Além da liberdade acima de tudo a vacina representa também um meio de articulação do que eles chamam de teorias da conspiração, provenientes do Estado ou de grandes farmacêuticas. O fato de acreditarem e levarem essas teorias da conspiração à frente alimenta-as ainda mais, tornando-as mais fortes e mais passíveis de serem acreditadas.

O livro “O mito nazista” de Labarthe-Lacoue & Nancy (2002), reflete sobre uma grande questão e preocupação da extrema direita: que seus ideais se alastrem pelo mundo sem que haja qualquer questionamento ou crítica. Por este querer indiscriminado de não ser questionado, podemos ver a movimentação da extrema direita em se organizar em bolhas, onde seus ideais são ecoados sem preocupação. Estas bolhas muitas vezes são grupos na internet, onde são

compartilhadas fake news que amplifiquem e perpetuem o poder da extrema direita. Nestes grupos e bolhas os participantes não têm medo de compartilhar seus pensamentos e seus feitos, sendo exaltados pelos outros por suas conquistas. São grupos sem qualquer preocupação com punições, pois em específico na internet, podem ser quem quiserem e se esconderem em perfis fakes.

Além das bolhas de eco, “O mito nazista”, traz a questão da necessidade da personificação de um líder, de um mito, que comande estes grupos e que permita seus absurdos. Conforme é citado no livro “O mito nazista” de Labarthe-Lacoue & Nancy (2002), na citação de Edgar Morin.

Do mesmo modo que o homem não se alimenta apenas de pão, uma sociedade não se alimenta apenas de gestão. Ela se alimenta também de esperança, de mito, de sonho. (...) O desenvolvimento pelo indivíduo necessita de comunidades e de solidariedades (...) a solidariedade verdadeira, não imposta, mas sentida interiormente e vivida como fraternidade. (LABARTHE-LACOUÉ & NANCY 2002, p.11)

O livro “O mito nazista” ainda reflete sobre a necessidade de uma figura mitológica por esses grupos de extrema-direita, é posto que “Mas existe “no ar do tempo” um clamor ou uma espera surda de algo como uma representação, uma figuração, a saber, uma encarnação do ser ou do destino da comunidade (essa palavra por si própria já parece despertar esse desejo)” Urge a necessidade de uma representação e de uma figura quase que mitológica para ser a representação da extrema direita.

No Brasil, o presidente Jair Bolsonaro é a representação desta necessidade da extrema direita, sendo chamado de mito, aclamado por seus apoiadores de maneira incondicional, seus apoiadores não surpreendentemente são considerados gado de um rebanho que Bolsonaro construiu com base na encenação da família tradicional, no discurso religioso além da defesa da liberdade acima de tudo.

Vivencia-se a ascensão dos diversos movimentos de extrema direita em vários países do mundo. Uma ascensão marcante, forte e que se projeta cada vez mais por países que se veem com cada vez mais cargos de poder entregues a extrema direita- como no Brasil onde a Câmara dos senadores teve seu maior número de representantes ligados a extrema direita. Um movimento iniciado por Bolsonaro em 2018 e que se firmou com raízes bem sólidas em nossa política como cita Jean-Philip Struck, 2022:

a nova composição das duas Casas indica que a extrema direita foi bem-sucedida em fincar raízes na paisagem política brasileira e conseguiu manter um eleitorado fiel, mesmo com todos os problemas que a administração de Jair Bolsonaro (PL) enfrentou nos últimos quatro anos. (STRUCK,2022)

CAPÍTULO 3: MOVIMENTO ANTIVACINA E A EXTREMA DIREITA

Com o passar dos anos, com a ascensão de grupos políticos da extrema direita e o advento da pandemia de COVID-19 em 2020, tivemos uma ascensão do movimento antivacina em escala mundial, com enfoque para o Brasil, país reconhecido mundialmente pelo sucesso de seu programa de imunização. O casamento entre movimento antivacina e extrema direita, não possui data nem local. É uma aliança difundida aos poucos que ganha foco e força com a pandemia de COVID-19 e ganha espaço na voz de políticos como Jair Bolsonaro que amplificam a desinformação e medo da população.

Este fenômeno da fusão entre os movimentos é bastante curioso, porém pode ser explicado pela maneira de projeção e articulação tanto do movimento antivax quanto da extrema direita. Esta maneira de articulação de ambos os movimentos pode ser considerada muito semelhante, tendo pontos principais no espalhamento de fake News e na promoção de teorias da conspiração, ampliando assim o medo ao desconhecido na mente da população. Permitindo à amplificação de falas e comportamentos geralmente não aceitos em comunhão por uma grande parte da população.

No Brasil esta união entre movimentos tem surtido bastante efeito e gerado grande consequências para a população, com grandes desfalques e queda nas taxas de vacinação.

28 anos após receber o certificado de livre contra a pólio concedido pela OMS, o Brasil tem 1º caso de poliomielite relatado em uma criança. A preocupação de especialistas se tornou realidade em outubro de 2022. Após anos de consagração da cultura vacinadora, o Brasil que se encontra com governo de extrema direita tem retrocessos na saúde pública. A cultura antivax vai se alastrando cada vez mais pelo país e tem se tornado uma grande preocupação.

Questionamentos não antes existentes são vistos com muita frequência, como “de onde vem essa vacina” ou “essa doença nem existe mais, pra que tomar a vacina?”, questionamentos que nascem da desinformação e do pânico instaurados pelas fake News propagadas pelos antivacinas que se unem cada vez mais com a extrema direita.

A aliança entre movimento antivax e extrema direita torna expressivo e reconhecido o fenômeno da ciência alternativa. Engber (2017) define ciência alternativa como “um movimento solto de supostos buscadores da verdade que promovem publicamente alegações científicas em uma encruzilhada entre evidências parciais, pseudociência e teorias da conspiração.” A ciência alternativa representa um risco para a saúde pública, tornando-se um tema para a reflexão de

especialistas e mais um ponto que corrobora com a propagação do movimento antivax e da extrema direita.

Configurando uma busca pela ciência alternativa o ambiente digital propicia uma autoridade aos pacientes que resolvem se informar por conta própria com base em dados encontrados na internet, deslegitimando as autoridades médicas e científicas. Massarani et al. (2020) definem o conceito de “paciente-expert” como “mais do que meramente um cidadão bem-informado, mas um consumidor especial de conteúdo de saúde, que se compreende como “entendido no assunto” e pode tornar-se resistente a orientações profissionais”. A busca por uma verdade por conta própria por estes cidadãos que contradizem e não acreditam nos grandes veículos de saúde e ciência é reconhecido como um contrafluxo da informação. Onde buscam por verdades paralelas, fundadas em teorias da conspiração e inverdades.

Massarani et al. (2020) analisaram reportagens e links relacionados a vacinas, um dos links estudados por eles relatava sobre “os gigantes farmacêuticos”, nesta reportagem há a produção da ideia de uma ciência do mal, citada por eles:

Mais uma vez, há a produção da ideia de uma ciência do mal, que poderia curar populações, mas não o faz por ser orientada por interesses financeiros. Assim, ainda que a vacina seja vista como positiva os processos de produção e distribuição desta tecnologia, representados pela indústria farmacêutica, agentes de saúde, governos e cientistas mal-intencionados são vistos como negativos. Esse discurso pode significar um entrave à adesão da população a campanhas de vacinação, necessariamente mediadas por esses agentes (MASSARANI et al., 2020).

A reportagem citada anteriormente é um exemplo de propagação de fake News e neste caso é fundamentada em teorias conspiratórias. Esta reportagem é a “Cuba produz vacina contra o câncer- Mais de 4 mil pessoas já foram curadas por Ela!” do blog Papo Reto. A reportagem mesmo sendo favorável à vacinação e se fundamentando em alguns fatos de verdade cumpre um papel conspiratório e sensacionalista. No corpo do texto explica-se que a vacina na verdade ajuda na melhora dos sintomas e prolonga a vida dos pacientes e não os cura totalmente, como afirma o título. Massarani et al. (2020) citam, portanto, consideramos uma *fake news*, por tratar de uma manchete sensacionalista que induz a um falso sentido, com fins políticos: a matéria elogia Cuba como representante de uma “ciência do bem”. Muitos buscadores da ciência alternativa simpatizam e veem seus medos sendo respondidos por reportagens como essa, que na verdade cumprem papel de desinformação. Massarani et al. (2020) afirmam sobre o cenário contemporâneo:

Em que a atenção dos usuários é disputada por um enorme volume de informações nas redes sociais, é comum a recirculação das informações sem o seu pleno consumo. Ou seja, muitas vezes, o conteúdo é compartilhado apenas com a leitura da chamada que aparece na interface do Twitter e do Facebook, sem que o link seja sequer acessado, especialmente quando o

título confirma crenças e opiniões prévias. Essa prática pode gerar uma compreensão parcial ou equivocada das informações que circulam na rede (MASSARANI et al., 2020).

Vale ressaltar a diferença entre ciência alternativa e as Práticas integrativas e complementares em saúde (PICS). As PICS que definidas pela Secretária de Atenção Primária em Saúde como recursos terapêuticos que visam a prevenção e tratamento de doenças, possuindo intuito de criar um vínculo terapêutico e busca por integrar o humano com o meio ambiente e a sociedade.

As PICS são reconhecidas pelo SUS e se fundamentam em práticas naturais, holísticas e medicinas tradicionais como a oriental. São regulamentadas e possuem estudos com evidências científicas que comprovem o uso destas práticas em conjunto a medicina convencional. O quesito regulamentador e as evidências científicas acerca das PICS, é o que as diferencia da ciência alternativa já que esta não possui fundamentos ou embasamento em estudos científicos, se baseia na busca solta por uma verdade paralela e teorias da conspiração, indo contra a ciência e medicina convencional e até mesmo as PICS.

Com o advento da ciência alternativa e exacerbção de fake News, temos a predominância do comportamento populista, neste caso um populismo médico. O populismo médico que definido por Lasco & Curato (2018) como: “Um estilo político baseado em performances de crises de saúde pública que colocam “o povo” contra “o sistema” usando alegações de conhecimento alternativo para colocar em dúvida a credibilidade de médicos, cientistas e tecnocratas”.

Parment (2010) demonstra a capacidade do comportamento populista em prejudicar campanhas e promoções de saúde pública, ele cita que o comportamento populista foi capaz de prejudicar a campanha de vacinação contra H1N1 nos Estados Unidos, pois alimentou as teorias da conspiração vistas no imaginário da sociedade e exacerbou a desconfiança dos profissionais de saúde.

O populismo médico se torna grande ameaça às políticas de saúde pública – “A demonização da ciência pelos populistas têm efeitos profundos nas políticas de saúde” cita Parment (2010). A maneira de expansão e projeção do populismo médico visa colocar o povo no centro de um movimento, dando a ele ideia de importância na tomada de decisões e pertencimento a algo maior. Esta maneira de agir é frequentemente vista na maneira de se articular dos grupos de extrema direita.

O séc. XXI considerado o século da pós-verdade como citado no capítulo anterior nos revela algumas questões vistas tanto na extrema direita como no movimento antivacina, a propagação de fake News forma mais do que característica de articulação destes movimentos, vem acompanhada do poder da insinuação. O poder da insinuação está intimamente ligado a grande força que tem em seu potencial de ser acreditado. Àlex Grijelmo afirma que “não é preciso usar dados falsos. Basta sugeri-los. Na insinuação, as palavras e imagens expressadas se detêm em um ponto, mas as conclusões inevitavelmente extraídas delas vão muito mais além.”

Com o poder da insinuação tão em voga, não é necessário criar de fato uma inverdade, mas apenas manipular um contexto ou situação de modo que corrobore com a mensagem que se quer expressar. O sensacionalismo é outra importante artimanha utilizada nestes contextos. Segundo a pesquisa realizada por Isabelly Lira, 2018:

um dos principais fatores que contribuem para a disseminação das fake News é o sensacionalismo em notícias sobre política, que são usadas como manobras de movimentos sociais ou, até mesmo, para atrair mais cliques nos portais ou sites, como foi o caso da polêmica do “Queermuseu”, uma exposição do banco Santander realizada no ano passado e que foi alvo de diversos ataques após a divulgação de uma notícia falsa pelo vereador Carlos Bolsonaro no Twitter. (LIRA,2018)

A divulgação de notícias cumpre função primordial em diversos se não todos os assuntos da sociedade, a divulgação de notícias pode influenciar diretamente na escolha das pessoas- em âmbitos políticos, de saúde, como a escolha de se vacinar ou não e até mesmo onde comer ou não. Isabelly Lira (2018) em seu artigo cita a fala de Charles Parchen:

O jornalismo tem uma função social fundamental para a formação da opinião pública e para garantia do acesso à informação. “Eu penso que aquele jornalista ou veículo de informação sensacionalista, que não tem o compromisso com a sociedade ou com a coletividade, não está de acordo com seu principal princípio, que é a preocupação com o coletivo (LIRA,2018)

Parchen ainda cita sobre a importância e o poder que veículos e jornalistas têm, segundo o texto de Isabelly Lira (2018) o advogado Charles Parchen explica que:

Pelo fato de os grandes veículos de comunicação de massa terem um poder de indução muito forte, as pessoas se influenciam por questões que envolvem os interesses políticos dos mesmos, o que também torna o acesso à informação restrito devido ao monopólio de informação no país. “Nós não temos uma transparência acerca da política editorial ou política de tratamento de informação do Facebook ou da Rede Globo, por exemplo. Então, são nessas brechas que esses veículos encontram formas de perpetuar discursos segregadores ou que vão contra a democracia (LIRA,2018).

Parchen ainda reflete sobre a problemática do monopólio da informação que abre brechas para que veículos ou divulgadores contra o monopólio espalhem o que bem entendem, além de movimentos como a extrema direita e o antivax que se aproveitam da descrença do povo nos grandes veículos de informação para alastrar suas inverdades e notícias sensacionalistas.

Uma grande questão acerca do movimento antivacina e da extrema direita em relação as vacinas é o discurso de a vacina e o ato de vacinar serem antiéticos, infringirem direitos humanos e até usar a população como sujeitos de experimento. É comum vermos grandes entusiastas destes movimentos incitarem e espalharem informações duvidosas de que as vacinas seriam meios de controle da população ou que são experimentos clínicos feitos sem consentimento.

O presidente Jair Bolsonaro é um grande exemplo de figura que espalha citações deste gênero. Segundo a matéria escrita por Anna Júlia Lopes (2022), onde são descritas algumas falas de Bolsonaro, o dia 21 de outubro de 2020 ele alegou que a população brasileira não seria cobaia de ninguém. No dia 9 de junho de 2021 ele fez referência a que estágio de pesquisa as vacinas para COVID-19 estariam e incitou se as vacinas teriam realmente comprovação científica e afirmou que as vacinas ainda estavam em estado experimental, o que é uma inverdade, vacinas e qualquer outro medicamento ou imunobiológico só podem ser comercializadas após a fase IV de testes clínicos onde um grupo de pessoas são testadas e é garantida a eficácia e segurança do produto testado.

O ideal criado por figuras como Bolsonaro, deixa o terreno acerca das vacinas tortuoso, levando a falta de crença pública aos imunizantes. Afirmações como as do presidente, incitam o medo nas pessoas que já não sabem em mais o que acreditar. A disseminação da ideia de ser cobaia em um teste clínico é atordoante para a população que se vê perdida e sendo usada.

Mas ao contrário do que estas figuras afirmam, a segurança das vacinas e de produtos farmacêuticos para uso em humanos tem diversas regras e questões éticas a serem seguidas. A regulamentação e aprovação de vacinas por exemplo, seguem um longo caminho até serem disponibilizadas para a população. De acordo com o Relatório Belmont- importante documento sobre questões éticas para as Boas Práticas Clínicas, os princípios éticos básicos para ensaios ou testes clínicos são: o respeito pelas pessoas, a beneficência e justiça.

A aplicação destes princípios básicos leva à consideração de requisitos como: o consentimento informado- que visa deixar o sujeito de pesquisa extremamente informado e ciente de tudo aquilo que acontece no ensaio, visando não o deixar de desamparado a respeito de informações sobre aquilo que está se comprometendo; a avaliação da relação entre risco e benefício- em ensaios e testes clínicos sempre são levados em consideração todos os riscos e benefícios, visando analisar se correr os riscos será de necessidade ou não; a seleção dos sujeitos de pesquisa- visa proteger o direito individual e coletivo dos sujeitos de pesquisa, não permitindo que pesquisadores escolham apenas aquelas pessoas com quem simpatizam nem aquelas pessoas

“indesejáveis”, além de proteger populações consideradas vulneráveis e que poderiam ser manobradas a aceitar certas questões não éticas.

Os princípios e suas aplicações buscam levar segurança, confiabilidade e justiça não apenas aos sujeitos de pesquisa, mas a todos que serão beneficiados com a pesquisa, como a população num geral. Além destes princípios temos o tratamento aos dados dos sujeitos de pesquisa, que devem ser tratados de maneira ética e respeitosa.

Existem inúmeras resoluções, leis e documentos que garantem a segurança, eficácia e as Boas Práticas Clínicas, estes são necessários para comprovação científica e para que a população seja informada e tenha acesso a produtos de fato seguros e eficazes. Estas regras e princípios nos garantem que tragédias como a experimentação indevida de pessoas vulneráveis, como aconteceu na Segunda Guerra Mundial, sejam evitadas e impedidas.

O caso específico das vacinas contra COVID-19 é bastante importante, as vacinas contra COVID-19 foram marco da inovação técnico-científica deste século. Um processo jamais visto antes, foi o lançamento em tempo recorde destas vacinas, que para a humanidade foi motivo de comemoração por finalmente termos como combater o vírus que dizimou milhões de pessoas e para alguns grupos específicos significo desconfiança e negacionismo. O processo tão rápido para estas vacinas se deve a diversos fatores, como o estado de calamidade pública e pandemia que permitiram que estas vacinas tivessem prioridade na revisão de pedidos e documentações, além de uma plataforma criada pela ONU que visava facilitar o processo de compra e venda de vacinas nos países do mundo.

As vacinas contra COVID-19 são tão seguras quanto vacinas mais antigas como a da gripe ou febre amarela, porém se tornaram alvo de debate público com uma grande facilidade. O processo rápido destas vacinas permitiu a grupos do movimento antivax e da extrema direita a desconfiança acerca da segurança destas vacinas como citado anteriormente.

A questão da liberdade tão exaltada por grupos de extrema direita e por grupos do movimento antivacina, foi citado no primeiro capítulo a disputa e os conceitos que abrangem esta liberdade. Voltaire (1764) em seu dicionário filosófico apresenta um diálogo sobre liberdade. Na construção de Voltaire liberdade é entendida entre aquilo que se pode querer e aquilo que se pode efetivamente fazer. No diálogo é afirmado que nossas vontades não são livres, mas nossas ações sim, Voltaire cita que “tendes a liberdade de fazer quando tendes o poder de fazer”. Na reflexão de Voltaire o paradigma entre aquilo que se deseja e aquilo que se pode fazer é desenhado, colocando

em contraproposta a sonhada liberdade da extrema direita e do movimento antivacina, estes entendem a liberdade a qualquer custo, a qualquer desejo e sem o entendimento do que se pode realmente entender como liberdade.

A liberdade buscada por estes grupos é contraposta a própria liberdade, clamam por algo que nem entendem, buscam algo que afeta o próximo- quando na verdade liberdade também depende de suas ações e como elas afetam o próximo. A liberdade para não se vacinar e a liberdade de expressão buscada por eles é mais complexa do que apenas não querer se vacinar e se opor publicamente as vacinas. No primeiro capítulo foi esboçado a construção entre um querer individual e uma questão coletiva, além da necessidade da luta pela liberdade destes grupos.

Estes se sentem sendo impostos e manipulados pelo Estado quando são vacinados por exemplo, tendo então sua falsa liberdade sendo impedida. A liberdade em muitos de seus aspectos e significados está intimamente ligada a construção moral, esta construção moral permeia nosso modo de agir e de nos sentirmos livres. A definição de liberdade como construção moral definida pelo dicionário de BOBBIO é:

A Liberdade pode consistir somente em poder fazer aquilo que devemos querer" (Montesquieu). Por analogia, muitas vezes, afirma-se que uma pessoa é livre, não quando age livremente ou desenvolve suas capacidades, e sim quando realiza "o melhor" ou "o essencial" de si mesma. "A Liberdade pode ser definida como a afirmação por um indivíduo ou por um grupo de sua própria natureza" (Laski). Uns chegaram a sustentar ser sumamente provável que alguém realize a própria natureza se for deixado livre para escolher por si mesmo. De acordo com outra tradição, que desde Platão passando pelos estóicos e pelo pensamento cristão chega até o neohegelianismo, o homem alcança a forma mais alta de autorrealização submetendo-se a alguma norma moral imposta externamente por alguma autoridade religiosa ou política, ou internamente pelo próprio "eu superior", normalmente identificado com a fé, a razão ou a consciência moral. "Chamo livre quem se deixa guiar unicamente pela razão" (Spinoza). "Obedecer a uma lei por nós mesmos imposta é Liberdade" (Rousseau). Liberdade não significa mais ausência de limitações desagradáveis, e sim presença de limitações agradáveis. "Não adquirimos Liberdade satisfazendo o que desejamos, e sim eliminando o nosso desejo" (Epicteto). Em suma, Liberdade é a não-Liberdade para fazer o mal, enquanto a Liberdade de se afastar do caminho certo é licenciosidade. "Se uma licenciosidade desenfreada de palavra e de escrita fosse concedida a todos, nada permaneceria sagrado e inviolado. Desta forma, a licenciosidade ganharia o que a Liberdade acabaria perdendo (Encíclica Libertas). (BOBBIO et al, 1983, p. 712).

A respeito da liberdade clamada por antivaxers e pela extrema direita, temos um grande paradigma quando o assunto é a extrema direita, na definição citada anteriormente podemos entender a liberdade ligada a algo moral, altruísta em muitos casos, buscando ser o melhor não apenas para o individual, mas para o coletivo também. As atitudes morais e ligadas aos bons costumes são pilares do discurso conservador e defendido pela extrema direita. Mas em prática quando defendem a não vacinação e a liberdade para não se vacinar, se tornam oposição a esta boa

moral pregada por eles mesmos- quando o querer individual atropela o coletivo. A imunização é um pacto coletivo, onde não basta apenas uma parcela da população aderir, é necessário que todos aqueles que podem tomá-la sejam adeptos. Quando defendem um querer individual acima do coletivo, deixam de ser altruístas e lutadores pelo bem da nação.

Segundo Heywood (2010), o pensamento liberal consiste numa ideologia política cujo tema fundamental é o da construção de uma sociedade na qual indivíduos livres possam satisfazer seus interesses. A atenção deve se voltar a questão de os indivíduos livres poderem satisfazer seus interesses, como citado anteriormente a extrema-direita clama por uma liberdade, mas também clama por um direito de agir como bem entender, manifestar aquilo que deseja sem que ninguém se oponha, tornando a sentença anteriormente trazida perigosa neste ponto. Até que ponto podemos satisfazer nossos interesses? Neste sentido pode se assinalar que ao perseguir um interesse o indivíduo se torna uma ameaça aos outros indivíduos que compõem a sociedade com ele, como no caso da vacinação, onde um indivíduo decide não se vacinar e coloca a vida de outros em risco. Algumas teorias versam sobre o contrato social, onde este entra como resolução para questões sociais que atordoam, ferem e oprimem outros indivíduos. Neste, os indivíduos sacrificam parte de sua liberdade através da instituição de um Estado, caracterizado por um sistema de leis que garante a proteção e seguranças individuais.

A contradição encontrada no discurso extremista de direita permeia um indivíduo que quer a qualquer custo efetivar seus quereres, sendo eles de qualquer natureza. Como no caso do presidente Jair Bolsonaro, que viu na pandemia de COVID-19 uma chance de efetivar seu interesse em permitir morrer todos aqueles que se opõem e não constituem a cúpula para qual ele governa. Cumprindo este interesse ele efetivou os desejos antivaxers, se opondo a imunização e demonizando as vacinas.

O estado iliberal cunhado por Fareed Zaakaria no final da década de 90, é caracterizado pelo fenômeno que resultou na expansão de governos que mesmo sendo democraticamente eleitos ignoram os limites constitucionais do poder, além de ferirem as liberdades e direitos individuais da população que governam. Os integrantes da extrema direita se tornam favoráveis a um estado iliberal, pois este silencia e fere a oposição e o ativismo social que se põe contra os quereres deste grupo.

O Estado que a extrema-direita se faz favorável é um Estado que corta a liberdade, que pune os cidadãos, mas que busca dar total e integral liberdade a sua cúpula, que muitas vezes é elemento

de manobra, como podemos ver nas recentes manifestações antidemocráticas pós eleições presidenciais, são pessoas clamando para perderem seus direitos. Pessoas que se perderam num vácuo, onde seu líder defende algo que os fere. Ainda que os direitos individuais e algumas sutilezas processuais sejam mantidas, o Estado é ferido, os cidadãos são feridos.

Ir contra a vacinação vai muito além de um querer individual, como citado anteriormente no decorrer deste capítulo vai na via da defesa de algo que nem se quer é entendido, ir contra a imunização por um imaginário político é ir contra a existência de uma mesma população.

CONCLUSÃO

Após abordar temas como liberdade, conceitos éticos, direitos e deveres, o foco é retomado para a grande problemática deste trabalho, o movimento antivacina e o casamento com a extrema-direita. É fato que esta união propicia e propaga uma cultura antivacinal que se faz prejudicial à saúde não apenas individual, mas também coletiva. Conforme abordado no 1º capítulo, as fake news têm papel fundamental na propagação de inverdades que corroboram para a grande negativa em torno dos imunizantes.

O avanço e bombardeamento de fake news no século da pós-verdade que aumenta exponencialmente com avanço dos grandes canais de mídia e perpetuam sensacionalismo e desinformação está diretamente associado a crescente e transformadora globalização e vincula cada vez maior poder a estes canais, cumprindo em alguns momentos o papel de formadores de opinião, propagadores de fatos ou inverdades. Além disto o espaço que as grandes Mídias abrem pra uma imprensa de oposição, como canais de veiculação de informação no Twitter ou Facebook, que se aproveitam da fragilidade das pessoas, que são capazes de acreditar em tudo e desacreditar em uma mesma sentença. A propagação de “fake news” em redes sociais é exemplo de método de ampliação de um movimento contra a imunização e é exponencial. Foi visto no 1º capítulo, que a desinformação não é ampliada apenas pela mídia, mas por médicos e trabalhadores da saúde, que muitas vezes priorizam seus interesses e compartilham inverdades sem pensar na população e como isso pode afetar.

Além dos canais de mídia e profissionais da saúde, como alavancadores deste movimento, temos figuras políticas da alta cúpula do governo que alimentam este grande sonho iliberal e inflamam a população a ir contra aquilo que pode a salvar, como exemplo os imunizantes. Comprovada eficácia, segurança e necessidade das vacinas frente a prevenção de patologias graves é necessário que um trabalho massivo e incansável seja feito não apenas no combate a desinformação, mas para alavancar a cultura vacinal.

No século da pós verdade se faz cada vez mais necessário conferir nossas fontes de informação antes de proferir qualquer discurso. Para além de verificar a veracidade dos fatos, é necessário reavivar a cultura vacinal, que nos trouxe tantos avanços nos últimos séculos.

A respeito da tão comentada liberdade, que foi tão comentada nos 3º capítulos deste trabalho, é necessário entendermos até que ponto é liberdade e o que passa da mesma para ferir o

direito do outro. O direito coletivo impera sobre um querer individual. Tornar ou não vacinar, não é apenas uma questão pessoal, mas coletiva. Todos aqueles que podem se vacinar, devem se vacinar para corroborar com o meio social. A vacinação é prevenção e saída para prevenção e erradicação de doenças imunopreveníveis muitas vezes fatais. A ideia de imunidade de rebanho só pode existir se o “rebanho” estiver vacinado, sendo assim a imunização se faz cada vez mais necessária e presente em nossa sociedade pós pandemia.

Além desta especificação para o termo rebanho (no sentido vacinal), temos a utilização do termo para grupos de extrema-direita, como citado no capítulo 2 deste presente trabalho. Este rebanho da extrema-direita, busca uma liberdade abaixo da linha da liberdade. Buscam uma liberdade para exterminar e ferir, mas são contra sua própria liberdade. Estes grupos se encantam por suas figuras mitológicas, como o presidente Jair Bolsonaro, sendo capazes de ir contra sua própria existência, sendo manipulados e usados como instrumento de algo muito além de não querer se vacinar.

Com a onda de extrema-direita que tem arrebatado governos e sociedades nos últimos anos, temos que cada vez mais ser oposição, lutar contra este mal que impede nossa existência. Além dos discursos de ódio, racismo e machismo que são impregnados cada vez mais em nossa sociedade, os conservadores têm ganhado luz, têm ganhado livre arbítrio para agir, enquanto o povo quem perde, passando fome e morrendo pela negligência de seu mito e toda sua cúpula, que se opuseram a compra de imunizantes na pandemia de COVID-19. Praticam também um desserviço para a sociedade, propagando uma cultura antivacina, de demonização aos imunizantes.

Os intitulados conservadores, lutam por questões que se quer entendem, lutam por uma bondade que se quer aplicam. O desejo cristão que tanto pregam, de serem bons e amar ao próximo não faz parte do calendário de atividades dos mesmos, disseminam a raiva e um pavor descontrolado da vacinação. Ser bom e altruísta está ligado a outras questões que eles nunca entenderam, ser bom e altruísta, pode ser um ato de imunização, onde você não pensa apenas em si, mas em sua comunidade e em todos aqueles que não podem se vacinar e não naqueles que desejam não se vacinar.

Aprendemos com esta extrema-direita, que a mentira mata, uma notícia falsa pode desestabilizar sociedades e ser carreadora para um aparente extermínio em massa, a prática de mentir e espalhar fake News, como exemplo o caso do presidente Jair Bolsonaro custou ao Brasil 689 mil mortes, sonhos, vidas. Como Bolsonaro, existem outras diversas figuras que assumem esse

papel mitológico, sendo adorados por seus rebanhos que aceitam suas inverdades e o desrespeito, que os mitos, tem por seus corpos. Como exemplo de instigador deste movimento, além de Bolsonaro, temos Trump e muitos outros que carregam este viés extremista e conservador.

A união entre extrema-direita e o movimento antivacina retratada no 3º capítulo, traz sequelas irreparáveis para a sociedade mundial, sequelas de vidas perdidas, interrompidas e atrapalhadas. Sequelas físicas para os que se foram e mentais para os que ficam e convivem com tal perda. Ser contra o movimento antivacina e se opor a extrema-direita, se tornou questão de saúde pública. Promover a vacinação é papel de todos.

REFERÊNCIAS

A IMPORTÂNCIA da vacinação. **Portal de Bio-Manguinhos/FIOCRUZ**, 2013. Disponível em: <<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/603-a-importancia-da-vacinacao>> Acesso em: 1 set. de 2022.

ALEMÃES e austríacos antivacinas se abrigam em “colônia livre” no Paraguai. **Nossa Uol**. 11 mar. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/nossa/noticias/afp/2022/03/11/paraiso-verde-polemico-refugio-de-europeus-antivacinas-no-paraguai.htm>>. 2022. Acesso em: 10 out. 2022.

ALTARES, Guillermo. A longa história das notícias falsas: Utilização política das mentiras começou muito antes das redes sociais, e a construção de outras realidades era uma constante na Grécia antiga. **El País**. Madri, 18 jun. de 2018. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html> Acesso em: 04 fev. 2022.

BLOCH, Marc. Réflexions d’un historien sur les nouvelles fausse de la guerre. *Revue de Synthèse Historique*, t. 33, 1921. Apud. ALTARES, Guillermo. A longa história das notícias falsas: Utilização política das mentiras começou muito antes das redes sociais, e a construção de outras realidades era uma constante na Grécia antiga. **El País**. Madri, 18 jun. de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html> Acesso em: 04 fev. 2022.

BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Editora Universidade De Brasília, 1983, vol.1, 11^o edição. Disponível em: <<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17973/material/Norberto-Bobbio-Dicionario-de-Politica.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2022.

BROWN, Wendy. *In the ruins of neoliberalism: the rise of antidemocratic politics in the West*. New York: Columbia University Press, 2019. Apud. LAGE, L. R.; SARAIVA, L. S. Ressentimento e guerra cultural no populismo de extrema direita: tensões morais e fronteiras de antagonismo. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 124–150, 2021. DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27704. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27704. Acesso em: 22 nov. 2022.

CASARÕES, Guilherme e MAGALHÃES, David. A aliança da hidroxicloroquina: como líderes de extrema direita e pregadores da ciência alternativa se uniram para promover uma droga milagrosa. **SciELO**, 2021. DOI: 10.1590/0034-761220200556 Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/b3DhgtmpNW8FZMdsNqDY6Ht/?lang=en>> Acesso em: 15 fev. 2022.

CARDIN, Valéria e NERY, Laís. Hesitação vacinal: direito constitucional à autonomia individual ou um atentado à proteção coletiva? **Prisma Jurídico**, vol. 18, núm. 2, pp. 224-240, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/934/93464984005/html/>> Acesso em: 28 mai. de 2022.

CAUTI, Carlo. Alice Weidel, a controversa líder da extrema-direita alemã. **Exame**, 28 de set. de 2017. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/alice-weidel-a-controversa-lider-da-extrema-direita-alema/>> Acesso em: 15 de out. de 2022.

CHALHOUB, S. (1996). Cidade febril. São Paulo: Companhia das Letras. Disponível em: <<http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/bitstream/123456789/733/1/CORTI%C3%87OS.%20Cidade%20febril%20corti%C3%A7os%20e%20epidemias%20na%20corte%20imperial.%20CHALHOUB%2C%20Sidney.%201996.pdf>>. Apud. MILER-DA-SILVA, LL; NEVES, RA; GARRIDO, RG; GOMES, DM Velhos argumentos, novos desafios: políticas públicas e o movimento anti-vax. **Investigação, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 14, pág. e487101422476, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.22476. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22476>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CRAVO, Adriana. Populismo: o que é afinal? **Politize**, 02 mai. de 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/populismo-o-que-e/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjwhNWZBhB_EiwAPzlhNh-EGKyZHfu_r4WyD2KJMD0k8x6o9WrlfbezK5JanqArvQRP-JfJ0RoC8QIQAvD_BwE> Acesso em: 05 de set. de 2022.

DANDARA, Luana. Pesquisadores da FIOCRUZ alertam para risco de retorno da poliomielite no Brasil. **Portal Fiocruz**, 04 mai. de 2022. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisadores-da-fiocruz-alertam-para-risco-de-retorno-da-poliomielite-no-brasil>> Acesso em: 15 set. de 2022.

DE CARVALHO, Talita. O que é extrema direita? **Politize!**, 01 out. de 2018. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/extrema-direita-o-que-e/>> Acesso em: 13 fev. 2022.

ENGBER, D. (2017, October 16). The Grandfather Of Alt-Science. Five Thirty Eight Retrieved. Apud. CASARÕES, Guilherme e MAGALHÃES, David. A aliança da hidroxicloroquina: como líderes de extrema direita e pregadores da ciência alternativa se uniram para promover uma droga

milagrosa. **Scielo**, 05 mar. de 2021. DOI:10.1590/0034-761220200556 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/b3DhgtmpNW8FZMdSNqDY6Ht/?lang=en>> Acesso em: 15 fev. 2022.

ERMAN, George. Da varíola à covid-19, a história dos movimentos antivacina pelo mundo. **BBC News Brasil**, 15 jan. de 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-59867755>> Acesso em: 31 jan. 2022.

ENTENDA a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19. **IRIS**- Organização Pan-Americana da Saúde, 30 abr. de 2020. OPAS/IMS/EIH/COVID-19/20-0006. Disponível em: <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt> > Acesso em: 18 jun. 2022.

FILHO, João. O casamento entre a extrema direita e o movimento antivacina é um perigo para o mundo. **The Intercept**, 14 jul. de 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/07/14/movimento-antivacina-extrema-direita-trump-bolsonaro/>> Acesso em: 13 nov. 2021.

GARCIA, Leila e DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Scielo**, Epidemiol. Serv. Saúde vol.29 no.4 Brasília set. 2020 Epub 03-Set-2020. DOI: 10.1590/s1679-49742020000400019 Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742020000400001 > Acesso em: 18 jun. 2022.

GIROUX, Henry. Crescimento do populismo de direita. **Le monde Brasil Diplomatique**, Edição 151, 31 jan. de 2020. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/crescimento-do-populismo-de-direita/>> Acesso em: 29 agst. de 2022.

GRIJELMO, Álex. A arte de manipular multidões. **El País**, 28 ago. de 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/22/opinion/1503395946_889112.html> Acesso em: 30 jan. 2022.

GUIMARÃES, Cátia. Vacinação no Brasil: direito de todos e dever do estado: Programa Nacional de Imunização, cuja portaria de criação completa 45 anos em 2021, é uma experiência exitosa reconhecida internacionalmente e enfrentará mais um desafio na vacinação contra a covid-19. **Revista Poli**. Rio de Janeiro, Ano 13, N. 75, jan.-fev. 2021. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/poli_75_web_4.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

HEYWOOD, Andrew. Ideologias políticas: do liberalismo ao fascismo. São Paulo: Ática, v. 1, 2010. Apud SALATINO, André e PAULICHEN, Tainara. Núcleo de estudos políticos (NEP): o debate sobre as democracias iliberais contemporâneas. Anais da Feira de Ensino, Pesquisa e Extensão do Instituto Federal Catarinense Campus Fraiburgo - e-ISSN 2594-5572. Santa Catarina, 15 de dez. de 2020. v. 1 (2020): **Anais da FEPEX**. Disponível em: <<https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/fepexfraiburgo/article/view/1482>> Acesso em: 16 nov. de 2022.

J. M. MULET – Medicina sin engaños – Ediciones Destino, 2015. Disponível em: <https://planetadelibroscom.cdnstatics2.com/libros_contenido_extra/30/29905_Medicina_sin_enganos.pdf> Apud. LINDE, Pablo. Quem são os antivacina. **El País**, Madri, 07 jun. de 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/02/ciencia/1433262146_575760.amp.html> Acesso em: 5 agst. de 2022.

JÚNIOR, Alfredo. Liberdade. **Enciclopédia Jurídica da PUCSP**. São Paulo, Tomo Direitos Humanos, Edição 1, Março de 2022. Disponível em: <<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/509/edicao-1/liberdade>> Acesso em: 10 de nov. de 2022.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e NANCY, Jean-Luc. O mito nazista. Tradução: Márcio Seligmann-Silva. São Paulo, **Editora Iluminuras**, 2002. ISBN: 85-7321-151-2.

LAGE, L. R.; SARAIVA, L. S. Ressentimento e guerra cultural no populismo de extrema direita: tensões morais e fronteiras de antagonismo. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 124–150, 2021. DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27704. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27704>. Acesso em: 22 nov. 2022.

LASCO, G., & CURATO, N. (2019). Medical populism. *Social Science & Medicine*, 221, 1-8. Apud. CASARÕES, Guilherme e MAGALHÃES, David. A aliança da hidroxiclороquina: como líderes de extrema direita e pregadores da ciência alternativa se uniram para promover uma droga milagrosa. **SciELO**, 05 mar. de 2021. DOI:10.1590/0034-761220200556 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/b3DhgtmpNW8FZMdsNqDY6Ht/?lang=en>> Acesso em: 15 fev. 2022.

LASCO, G. (2020). Medical populism and the COVID-19 pandemic. *Global Public Health*, 10, 1417-1429. Apud. CASARÕES, Guilherme e MAGALHÃES, David. A aliança da hidroxicloroquina: como líderes de extrema direita e pregadores da ciência alternativa se uniram para promover uma droga milagrosa. **SciELO**, 05 mar. de 2021. DOI:10.1590/0034-761220200556 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/b3DhgtmpNW8FZMdsNqDY6Ht/?lang=en>> Acesso em: 15 fev. 2022.

LAROCCA, LM, & Carraro, TE (2000). O mundo das vacinas – caminhos (des)conhecidos. *Cogitare Enferm*, 5(2), 43-50. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v5i2.44884> . Apud MILER-DASILVA, LL; NEVES, RA; GARRIDO, RG; GOMES, DM Velhos argumentos, novos desafios: políticas públicas e o movimento anti-vax. **Investigação, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 14, pág. e487101422476, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.22476. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22476>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

LEAL, Bruno. Fake news na história: uma bibliografia comentada - **Café História**, 21 dez. de 2020. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/fake-news-na-historia/>> Acesso em: 04 fev. 2022.

LESSA, Sérgio de Castro; SCHRAMM, Fermin Roland. Proteção individual versus proteção coletiva: análise bioética do programa nacional de vacinação infantil em massa. *Ciência e Saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 115-124, jan. 2015. Apud CARDIN, Valéria e NERY, Laís. Hesitação vacinal: direito constitucional à autonomia individual ou um atentado à proteção coletiva? **Prisma Jurídico**, vol. 18, núm. 2, pp. 224-240, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/934/93464984005/html/>> Acesso em: 28 mai. de 2022.

LINDE, Pablo. Quem são os antivacina. **El País**, Madri, 07 jun. de 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/02/ciencia/1433262146_575760.amp.html> Acesso em: 5 agst. de 2022.

LIRA, Isabelly. Do sensacionalismo às fake news: qual é o impacto da era pós-digital no jornalismo? **Portal Comunicare**. Paraná, 23 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.portalcomunicare.com.br/do-sensacionalismo-as-fake-news-qual-e-o-impacto-da-era-pos-digital-no-jornalismo/>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

LOPES, Anna Júlia. Relembre declarações de Bolsonaro sobre a vacinação: há pouco mais de 1 ano, presidente afirmou que “menos da metade” da população se vacinaria. **Poder 360**. 17 jan.

2022. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/>>. Acesso em: 15 set. 2022.

LOWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e o Brasil. **SciELO**, out-dez 2015. DOI:10.1590/0101-6628.044 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/MFzdwxKBBcNqHyKkckfW6Qn/?format=html&lang=pt>> Acesso em: 20 de set. de 2022.

MACDONALD, Noni E. et al. Vaccine hesitancy: Definition, scope and determinants. *Vaccine*, v. 33, n. 34, p. 4161–4164, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264410X15005009?via%3Dihub>.

Acesso em: 15 jul. 2019. Apud CARDIN, Valéria e NERY, Laís. Hesitação vacinal: direito constitucional à autonomia individual ou um atentado à proteção coletiva? **Prisma Jurídico**, vol. 18, núm. 2, pp. 224-240, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/934/93464984005/html/>> Acesso em: 28 mai. de 2022.

MASSARANI, Luisa; LEAL, Tatiane; WALTZ, Igor. O debate sobre as vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos links com maior engajamento. **SciELO**, 31 ago. de 2020. DOI:10.1590/0102-311X00148319 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/wg8Tn5R77L5v7YKJGPNcRYk/?lang=pt>> Acesso em: 20 de set. de 2022.

MILER-DA-SILVA, LL; NEVES, RA; GARRIDO, RG; GOMES, DM Velhos argumentos, novos desafios: políticas públicas e o movimento anti-vax. **Investigação, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 14, pág. e487101422476, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.22476. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22476>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

MORAES, José Cassio de; RIBEIRO, Manoel Carlos Sampaio de Almeida. Desigualdades sociais e cobertura vacinal: uso de inquéritos domiciliares. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 11, p. 113-124, maio 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v11s1/10.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2019. Apud

CARDIN, Valéria e NERY, Laís. Hesitação vacinal: direito constitucional à autonomia individual ou um atentado à proteção coletiva? **Prisma Jurídico**, vol. 18, núm. 2, pp. 224-240, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/934/93464984005/html/>> Acesso em: 28 mai. de 2022.

PARMET, W. E. (2010). Pandemics, Populism and the Role of Law in the H1N1 Vaccine Campaign. *St. Louis U. J. Health L. & Policy*, 4, 113-156. Apud CASARÕES, Guilherme e MAGALHÃES, David. A aliança da hidroxiclороquina: como líderes de extrema direita e pregadores da ciência alternativa se uniram para promover uma droga milagrosa. **Scielo**, 05 mar. de 2021. DOI:10.1590/0034-761220200556 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/b3DhgtmpNW8FZMdsNqDY6Ht/?lang=en>> Acesso em: 15 fev. 2022.

POLÍTICA Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - **Portal da Secretaria de Atenção Primária em Saúde**. Disponível em: <<https://aps.saude.gov.br/ape/pics>> Acesso em: 14 mar. 2022.

PORTO, Mayla. Uma revolta popular contra a vacinação. **Ciência e Cultura**. vol.55 no.1 São Paulo Jan./Mar 2003. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000100032> Acesso em: 08 de nov. de 2022.

PÓS-VERDADE. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/pos-verdade>> Acesso em: 2 agst de 2022.

“PÓS-VERDADE” é eleita a palavra do ano pelo Dicionário de Oxford: Após anos elegendo palavras presentes na vida cultural e cotidiana das pessoas, editora escolheu palavra que ganhou destaque dentro do debate político. **Portal G1**, 16 nov. de 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/pos-verdade-e-eleita-a-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.ghtml>> Acesso em: 28 out. de 2022.

RAFF, Jenifer. Queridos padres: os están mintiendo com las vacunas. **Huffpost**, 19 abr. de 2014. Disponível em: <<https://www.huffingtonpost.es/jennifer-raff/queridos-padres-os-estan-mintiendo-con-las-vacunasb5159548.html>>. Apud. LINDE, Pablo. Quem são os antivacina. **El País**, Madri, 07 jun. de 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/02/ciencia/1433262146_575760.amp.html> Acesso em: 5 agst. de 2022.

RELATÓRIO Belmont – **Universidade Federal de Santa Catarina- Moodle UFSC**. Disponível em: <<https://moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=769589&forceview=1>> Acesso em: 01 de out. de 2022.

RIBEIRO, Débora. Mentira: Significado de Mentira. **Dicio**. Dez. de 2018. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/mentira/>> Acesso em: 19 de nov. de 2022.

ROMANO, Roberto. Raízes Medievais da Extrema direita. **1948 Declaração dos Direitos humanos**, 19 ago. de 2019. Disponível em: <<https://declaracao1948.com.br/2019/08/19/raizes-da-extrema-direita/>> Acesso em: 31 jan. 2022.

SALATINO, André e PAULICHEN, Tainara. Núcleo de estudos políticos (NEP): o debate sobre as democracias liberais contemporâneas. Anais da Feira de Ensino, Pesquisa e Extensão do Instituto Federal Catarinense Campus Fraiburgo - e-ISSN 2594-5572. Santa Catarina, 15 de dez. de 2020. v. 1 (2020): **Anais da FEPEX**. Disponível em: <<https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/fepexfraiburgo/article/view/1482>> Acesso em: 16 nov. de 2022.

SANTANA, Jonas. Discursos da extrema-direita variam pelo mundo: especialista afirma que direitos individuais não são o principal fator que converge nessa ideologia ao redor do globo. **Jornal da USP**. São Paulo, 31 jul. 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/discursos-da-extrema-direita-variaram-pelo-mundo/>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

SÉRGIO, Gabriel. O conceito da Liberdade segundo a Filosofia. **Socientifica**, 2022. Disponível em: <<https://socientifica.com.br/o-conceito-de-liberdade-segundo-filosofia/>> Acesso em: 30 de out. de 2022.

STRUCK, Jean-Philip. Legislativo tem nova "onda de direita" puxada por Bolsonaro: Resultados de disputas para o Senado e Câmara mostram que extrema direita fincou raízes no cenário político brasileiro e que Bolsonaro ainda demonstra força como cabo eleitoral para eleger aliados – e punir dissidentes. **Deutsche Welle**. Curitiba, 03 out. de 2022. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/legislativo-tem-nova-onda-de-direita-puxada-por-bolsonaro/a-63319233>> Acesso em: 23 de out. de 2022.

URIARTE, Xavier. Los peligros de las vacunas puntos para reflexión – 2007. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/191657323/Los-Peligros-de-Las-Vacunas>> Apud. LINDE, Pablo. Quem são os antivacina. **El País**, Madri, 07 jun. de 2015. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/02/ciencia/1433262146_575760.amp.html> Acesso em: 5 agst. de 2022.

VACINAS: perguntas e respostas - **Unicef**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/vacinas-perguntas-e-respostas>> Acesso em: 05 mar. 2022.

VARÍOLA dos macacos: sintomas, transmissão, origem e número de casos são atualizados pela OMS: Órgão de saúde mundial faz novas recomendações técnicas e aponta crescimento de casos confirmados. **Portal Butantan**. São Paulo, 23 de mai. de 2022. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/noticias/variola-dos-macacos-sintomas-transmissao-origem-e-numero-de-casos-sao-atualizados-pela-oms>> Acesso em: 19 de nov. de 2022.

VOLTAIRE. Dicionário Filosófico, 1764. **Edição Ridendo Castigat Mores**. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/filosofico.html>> Acesso em: 10 nov. de 2022.

WITTING, Volk. Movimentos Antivacinas marcam história da Alemanha. **Deutsche Welle**, 14 jan. de 2021. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/movimentos-antivacina-marcam-hist%C3%B3ria-da-alemanha/a-56227801>> Acesso em: 30 agst. de 2022.

ZAKARIA, Fareed. The rise of illiberal democracy. *Foreign Aff.*, v. 76, p. 22, 1997. Apud SALATINO, André e PAULICHEN, Tainara. Núcleo de estudos políticos (NEP): o debate sobre as democracias iliberais contemporâneas. Anais da Feira de Ensino, Pesquisa e Extensão do Instituto Federal Catarinense Campus Fraiburgo - e-ISSN 2594-5572. Santa Catarina, 15 de dez. de 2020. v. 1 (2020): **Anais da FEPEX**. Disponível em: <<https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/fepexfraiburgo/article/view/1482>> Acesso em: 16 nov. de 2022.